



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**JAIME ANDRÉ RODRIGUES BARBOSA**

**Criados para re-criar**  
**Um olhar sobre as origens através da EMRC**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**  
**Professor Doutor Américo José Pinheira Pereira**  
**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa**  
**2020**



*Ilustração 1: Detalhe da obra do Século XVI "Jardim das delícias", de Hieronymus Bosch, Museu do Prado<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Imagem descarregada do site <https://www.saiacomarte.com/obra/jardim-das-delicias/> a 16/03/2017.

## Índice

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>I. A PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA.....</b>	<b>11</b>
1. CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA.....	11
1.1. Funcionamento do núcleo de PES.....	11
1.2. Apresentação da Escola.....	12
2. A UNIDADE LETIVA 1 DO 7º ANO “AS ORIGENS”.....	17
2.1. Reflexão crítica e enquadramento no ano, no ciclo e no Programa.....	17
2.2. Itinerário apresentado no <i>Manual do Aluno</i> .....	23
2.3. A prática letiva.....	25
2.4. Reflexão geral sobre a prática letiva.....	52
<b>II. APROFUNDAMENTO DO SUBSTRATO TEÓRICO DA UNIDADE LETIVA.....</b>	<b>55</b>
1. A PERGUNTA DO SER HUMANO SOBRE O SENTIDO E A ORIGEM DA EXISTÊNCIA E DA VIDA	56
2. O MODO DE RESPONDER ÀS GRANDES QUESTÕES DA HUMANIDADE.....	57
2.1. Segundo a ciência.....	59
2.2. Segundo a religião.....	60
3. ENCONTRAR A RAIZ DE ALGUNS DOS PROBLEMAS ATUAIS NAS ORIGENS.....	61
4. DA EGOLOGIA À ECOLOGIA.....	63
4.1. A passagem da lógica do “eco” para a lógica do “ego”.....	63
4.2. A passagem da lógica do “ego” para a lógica do “eco”.....	65
<b>III. O CONTRIBUTO DA EMRC.....</b>	<b>68</b>
1. CUMPRIMENTO DOS OBJETIVOS DO PROGRAMA.....	68
2. UMA CHAVE DE LEITURA DA REALIDADE.....	69
3. UM OLHAR PARA O FUTURO.....	69
4. REORGANIZAÇÃO DA UNIDADE LETIVA, TENDO EM CONTA A LECIONAÇÃO.....	74
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>82</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>84</b>

## **Agradecimentos**

O meu primeiro agradecimento destina-se aos meus alunos (do passado, do presente e do futuro): neles encontro o sentido da docência e a partir deles encontro a motivação para tentar ser, cada dia, melhor professor.

Agradeço também à minha família que, desde a simplicidade e da retidão, sempre me ensinou a arte do cultivo: da terra, da vida, da fé e da inteligência. Dedico, especialmente, este trabalho ao meu avô Manuel, que apesar de ter falecido quando eu tinha apenas dez anos, me ensinou o gosto pela curiosidade e pela cultura.

Agradeço à minha família religiosa, a Congregação dos Irmãos Maristas, que me deu asas para voar mais alto no mundo da fé, do conhecimento e da pedagogia.

Agradeço aos meus professores que me acompanharam desde criança até à vida universitária, e sempre me incentivaram, com afeto e persistência, a dar em todo os momentos o meu melhor. Em especial, agradeço ao professor cooperante Tony, orientador de estágio, e ao Doutor Américo Pereira e ao Mestre Juan Ambrosio pela ajuda indispensável que me prestaram para concluir esta tarefa.

Finalmente, agradeço a Deus Pai, fonte constante de vida e de inspiração.

**Resumo:** Este Relatório apresenta uma reflexão crítica sobre a Prática Educativa Supervisionada levada a cabo no trabalho com alunos da disciplina de EMRC do 7º ano de escolaridade.

No Relatório é apresentada uma contextualização da Unidade Letiva lecionada, são expostos alguns materiais curriculares utilizados tanto na planificação, como na leção das aulas, e é também feita uma descrição e uma breve reflexão sobre cada aula lecionada.

Posteriormente, o Relatório aprofunda as principais temáticas abordadas durante a leção, como as questões das origens desde o ponto de vista da ciência e da religião da ecologia.

A questão da ecologia é apresentada em relação com o tema das origens, mostrando um itinerário de passagem de um mundo ecológico para um mundo egológico, tal como se torna patente no relato da Criação, no *Génesis*, e de passagem do mundo egológico para o mundo ecológico, que é um dos grandes desafios atuais da humanidade, orientando, assim, o Relatório para uma visão de futuro.

**Palavras-chave:** EMRC; Origens; Ecologia; Educação; Prática de Ensino Supervisionada; Religião; *Laudato Si'*.

**Abstract:** This Report presents a critical reflection on the Supervised Educational Practice carried out with the 7th grade EMRC students.

The Report presents a contextualization of the Unit that was taught, some curricular materials used both in planning and in the teaching, and a description and a brief reflection about each class that was taught.

Subsequently, the Report deepens into the main themes addressed during the classes, such as issues concerning the origins from the point of view of science and religion and also about ecology.

Ecology is presented in relation to the topic of origins, showing the journey from an ecological world to an egological world, as it becomes evident in the account of Creation, in *The Book of Genesis*, and the journey from the egological world to the ecological world, which is one of humanity's greatest current challenges, thus orienting the Report towards a vision of the future.

**Keywords:** EMRC; Origins; Ecology; Education; Supervised Teaching Practice; Religion; *Laudato Si'*.

## Introdução

Como que por desejo de sobrevivência, a humanidade procura cada vez mais assegurar a continuidade e a salubridade do planeta Terra. Cada vez se levantam mais questões em torno da questão ambiental e da influência das ações dos seres humanos sobre a vida do planeta. Em consequência, surge uma procura cada vez mais acesa de fontes de energia alternativas que sejam menos poluentes e de um estilo de vida “eco-friendly”, amigo do ambiente. A humanidade procura evitar as grandes catástrofes ambientais que assolam parte do globo e que, de acordo com diferentes teorias científicas, são resultado do desleixo no cuidado ambiental. Ao mais alto nível político fizeram-se grandes reuniões para assegurar um uso mais responsável dos recursos naturais, especialmente dos combustíveis fósseis, e assinaram-se Protocolos, como o de Quioto, em 1997. A nível mais particular, cada vez mais pessoas procuram um estilo de vida que respeite mais e melhor o meio ambiente. As dúvidas na resposta à pergunta “o que será do planeta?” parecem encontrar parte da resposta nesta grande preocupação ambiental.

Neste contexto, fazendo uma leitura profunda dos sinais do tempo, o Papa Francisco publica a Carta Encíclica *Laudato Si'* e reafirma a importância de que os cristãos se preocupem seriamente com a Terra, à qual chama “Casa Comum”. Diz o Papa:

“A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade”.<sup>2</sup>

Mas a ecologia apresentada pelo Papa não se fica pela questão médio ambiental de não poluição e uso responsável dos recursos naturais. Francisco propõe, de forma contundente, uma “ecologia integral” que promove o cuidado do planeta e, ao mesmo tempo, o cuidado de todos aqueles que habitam esta “Casa Comum”. Assim, a pergunta pelo futuro do planeta transforma-se na pergunta pelo futuro da humanidade. Para estarmos bem, precisamos de uma casa em bom estado (o nosso planeta), precisamos de estar bem com os nossos irmãos (acabar

---

<sup>2</sup>Cf. FRANCISCI PP., *Laudato Si'*, in *AAS* 107, N.9, (septembris 2015), 111

com os conflitos entre os povos), precisamos de estar bem alimentados e bem cuidados (acabar com a fome e fornecer cuidados médicos a quem o precisa).

Em meu parecer, as respostas a estas perguntas sobre o futuro (“que será do planeta?” e “que será da humanidade?”) podem tornar-se ainda mais ricas se acrescentarmos algumas respostas a perguntas sobre o passado (“qual é a origem do nosso planeta?” e “qual é a origem da humanidade?”) e algumas respostas a perguntas sobre o presente (“qual é o meu papel perante o planeta Terra?” e “que posso fazer pela humanidade?”).

Este relatório pretende principalmente sublinhar um modo de ser e de estar na vida, uma lógica de vida construtiva de base eco-lógica. Trata-se de um paradigma de vida alinhado com a proposta feita pelo Papa Francisco na *Laudato Si'*, uma proposta coerente com o Evangelho.

Pois bem, no Programa de EMRC há uma unidade letiva em que se conjugam todas as questões que abordei anteriormente, e é tendo como base a Prática Educativa Supervisionada desta unidade que me proponho desenvolver uma nova abordagem às questões assinaladas e apresentar o modo como trabalhei estas temáticas com um grupo de alunos do 7º ano de escolaridade.

Na base e na génese do presente relatório encontra-se a lecionação e a apreciação crítica da Unidade Letiva 1: “As Origens”, da disciplina de EMRC no 7º ano do Ensino Básico. Assim, o trabalho, feito no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, pretende estudar o tema das origens da criação a partir de quatro pilares distintos: o Programa de EMRC, a Unidade Letiva 1 do *Manual do Aluno* de EMRC do 7º ano de escolaridade, a Prática Educativa Supervisionada (PES) Unidade Letiva 1 do 7º ano de escolaridade na disciplina de EMRC e, finalmente, fontes bibliográficas escolhidas em relação com o tema.

Num dos seus heterónimos, Alberto Caeiro, o poeta Fernando Pessoa reúne várias das questões que serão abordadas neste relatório:

“O que penso eu do mundo?  
Sei lá o que penso do mundo!  
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das cousas?  
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?

Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma  
E sobre a criação do Mundo?  
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos  
E não pensar. É correr as cortinas  
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).”<sup>3</sup>

A ideia de fundo apresentada pelo poeta neste texto parece assemelhar-se com a ideia que se mostra na descrição do paraíso, no *Génesis*, em que o ser humano frui totalmente da criação. Adão e Eva não põem questões, nem põem qualquer aspeto da realidade em causa, apenas vivem. Aqui, neste viver em fruição e estar em harmonia com Deus e com a Criação, dava-se a situação perfeita de colaboração entre o ser humano e Deus, em que há total sintonia e confiança. O verbo utilizado, colaborar, revela uma grande riqueza de sentido, pois, procurando a etimologia e o significado deste verbo, vemos que “colaborar” vem do latim (*collaboro, -are*, trabalhar com), sendo um verbo transitivo com três aceções:

- “1. Trabalhar em comum com outrem. = cooperar, coadjuvar;
2. [Figurado] Agir com outrem para a obtenção de determinado resultado.  
= ajudar;
3. Ter participação em obra coletiva, geralmente literária, cultural ou científica. = participar”<sup>4</sup>.

É esta a imagem do Paraíso: a humanidade que coopera, coadjuva, ajuda e participa nos planos de Deus.

No entanto, já noutra ordem de reflexão diferente da relacionada com o paraíso do *Génesis*, olhando novamente para este poema de Fernando Pessoa, o autor admite que não consegue fechar totalmente os olhos a estas questões tão fundamentais: “que penso do mundo?”, “que ideia tenho das coisas e das causas e efeitos?”, “que penso sobre Deus, a alma e a criação?”. De facto, são perguntas fundamentais do ser humano e, ao mesmo tempo, são perguntas transversais de todo este trabalho.

Tendo esta imagem bíblica do paraíso e este excerto do poema de Fernando Pessoa como “abertura”, neste Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada proponho-me

---

<sup>3</sup> Cf. F. PESSOA, *Poemas completos de Alberto Caetano*, Editora Ática, São Paulo, 2019, 2ª edição, 39 e 40.

<sup>4</sup> Cf. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008 - 2013, <https://dicionario.priberam.org/colaborar> (consultado em 15-04-2019).

apresentar o contexto em que desenvolvi a PES, parte do Programa<sup>5</sup> de EMRC (que tenho como referente para a Unidade Letiva sobre “As Origens”), depois apresento a planificação da Unidade Letiva que foi executada e reflito sobre lecionação da mesma. Posteriormente, proponho-me apresentar no Relatório um aprofundamento do substrato teórico das questões mais fundamentais que foram abordadas na Unidade Letiva lecionada, de modo a encontrar uma base teórica que fundamente, explore, comprove e expanda aquilo que se tratou na Unidade lecionada. Posteriormente exporei brevemente qual pode ser o contributo da EMRC para os alunos do 7º Ano que trabalham a Unidade Letiva em causa e como este contributo se pode projetar no futuro.

---

<sup>5</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*, SNEC, Moscavide, 2014.

## **I. A Prática Pedagógica Supervisionada**

### **1. Contexto da Prática Pedagógica Supervisionada**

De modo a contextualizar o funcionamento, os agentes e os espaços implicados na PES, este ponto do relatório apresenta alguns dados referentes à composição e à organização do núcleo de PES, bem como alguns dados sobre o contexto social e organizativo da turma em que os professores estagiários lecionaram as aulas, da escola e do agrupamento escolar.

#### **1.1. Funcionamento do núcleo de PES**

A Prática Pedagógica Supervisionada (PES) foi levada a cabo no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, com Especialização em Educação Moral e Religiosa Católica. Esta PES está composta por quatro âmbitos de trabalho:

- 1- Componente formativa dos professores estagiários na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, orientada pelos professores Mestre Juan Ambrosio e Mestre Cristina Sá Carvalho;
- 2- Reuniões do núcleo de PES na escola Damião de Góis (que está composto pelos professores estagiários Pedro Luz e Jaime Barbosa, sob a orientação do professor José António Oliveira);
- 3- Trabalho individual de cada professor estagiário, centrado na planificação das aulas, na construção de materiais pedagógicos, na reflexão avaliativa das aulas e no registo de atas e relatórios de todo o trabalho efetuado.
- 4- Lecionação das aulas planificadas aos alunos do 7º ano de escolaridade da escola Damião de Góis.

O funcionamento da PES na escola foi organizado da seguinte forma: inicialmente tivemos uma primeira reunião do núcleo de PES nas instalações da Faculdade de Teologia, em que o professor José António Oliveira se apresentou e apresentou brevemente a escola em que iria acontecer a prática e o grupo de alunos destinatários. Nesta primeira reunião os professores estagiários receberam as indicações de como se tinham de apresentar na escola e de como estavam organizados os seguintes trabalhos.

Já na escola Damião de Góis o núcleo de PES reuniu-se para organizar mais detalhes da distribuição de tarefas. A primeira aula com os alunos foi lecionada pelo professor José António Oliveira e serviu para apresentar os professores estagiários ao grupo de alunos e para

que houvesse um primeiro contacto dos professores estagiários com a turma. Em reunião do núcleo de PES ficou definido que a avaliação de diagnóstico e a lecionação da Unidade Letiva 1 seriam efetuadas pelo professor estagiário Jaime Barbosa. Neste sentido, na semana prévia a cada aula, ficou definido que o professor estagiário que lecionava a aula enviasse a planificação da aula e os materiais didáticos a usar, para que fossem revistos e corrigidos pelo professor orientador do núcleo de PES. Na hora anterior a cada aula lecionada o núcleo de PES agendou uma reunião de revisão da planificação da aula e dos materiais didáticos a usar e, depois da lecionação de cada aula, uma reunião de avaliação e autoavaliação do desempenho do professor estagiário que orientou a aula e do trabalho e comportamento dos alunos da turma. Este plano de funcionamento foi cumprido com rigor e a PES decorreu, com alguns pequenos ajustes que se foram implementando, de acordo com o previsto.

## 1.2. Apresentação da Escola

A escola em que se desenvolveu a Prática de Ensino Supervisionada foi a Escola Básica Damião de Góis, situada na Rua Cassiano Branco, na freguesia de Marvila, no bairro de Chelas, em Lisboa. Este bairro é tradicionalmente conhecido pela grande diversidade étnica da população e por ser uma zona de habitações sociais. O panorama descrito no II Diagnóstico Social de Lisboa (2015-2016), apresentado pela Rede Social de Lisboa, aponta:

“em 2014, no que se refere à situação perante a justiça, verifica-se que, do total de 2 781 utentes ativos atendidos nas 3 UIL e residentes na cidade de Lisboa, 342 (12%) já tinham estado presos e que 74,3% (2 065 utentes) apresentavam antecedentes judiciais. As freguesias de Marvila, Olivais e Benfica eram as que apresentavam maior incidência de problemas judiciais dos seus residentes (antecedentes judiciais e prisão efetiva).<sup>6</sup>

Estes dados não estão, em princípio, relacionados diretamente com os alunos que faziam parte das aulas da PES, no entanto, fazem parte do quadro em que os alunos estão inseridos e marca de forma muito próxima a vida do dia a dia dos alunos.

De acordo com o Projeto Educativo<sup>7</sup> do Agrupamento de Escolas D. Dinis, o

---

<sup>6</sup> Cf. REDE SOCIAL DE LISBOA, *II Diagnóstico Social de Lisboa: 2015-2016*, consultado em [https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/DIAGNÓSTICO\\_SOCIAL\\_SINOPSE.pdf](https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/DIAGNÓSTICO_SOCIAL_SINOPSE.pdf) a 08/06/2017.

<sup>7</sup> Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. DINIS, *Projeto Educativo, 2014 – 2018*, consultado em <https://aa59a12b-540c-4dd2-b810->

contexto social da escola estava marcado pela população residente na freguesia de Marvila, população essa constituída por migrantes de zonas do Norte e do Sul do país e emigrantes africanos e por antigos desalojados de zonas da cidade que sofreram alterações arquitetónicas. Mais recentemente, acrescenta o Projeto Educativo do Agrupamento, juntaram-se no agrupamento filhos de emigrantes de países como o Brasil, a Roménia e a Ucrânia e refugiados do Afeganistão, Irão, Nepal, Paquistão, Guiné, Serra Leoa e Sri Lanka. Há, portanto, na escola, uma população de alunos de diversas proveniências culturais.

Por outro lado, na maioria dos casos, as profissões desta população estavam associadas a serviços de limpeza e comércio, quer de venda ambulante quer fixa, registando-se ainda um elevado índice de desempregados, de reformados e de beneficiários do Rendimento Social de Inserção.

Quanto aos Encarregados de Educação, as estatísticas revelavam que estes eram maioritariamente as mães, embora nalguns casos o pai ou os avós se assumissem como encarregados de educação.

A página *web* oficial desta escola<sup>8</sup> está inserida na página *web* do Agrupamento de Escolas D. Dinis<sup>9</sup>, ao qual a Escola Damião de Góis pertence. Nesta página *web* é possível encontrar informações e notícias referentes às diferentes escolas que compõem o Agrupamento, assim como informações sobre a orgânica das escolas e documentação referente ao Agrupamento, como o Projeto Educativo do Agrupamento, o Regulamento Interno do Agrupamento e o Regulamento dos Cursos Profissionais.

O Agrupamento de Escolas D. Dinis, identificado com o código 171 384, é constituído pelas seguintes escolas: Escola Secundária D. Dinis (escola sede do agrupamento), Escola Básica de Marvila, Escola Básica Professor Agostinho da Silva, Escola Básica João dos Santos, Escola Básica Damião de Góis, Escola Básica dos Lóios, Escola Básica Luíza Neto Jorge e Escola Básica Nº 195. O antigamente denominado “Agrupamento de Escolas de Marvila” integrou o atual agrupamento em junho de 2012 e o antigamente denominado “Agrupamento de Escolas Damião de Góis” em abril de 2013. Segundo a página *web* do Agrupamento, na freguesia de Marvila, apenas as escolas de 1º ciclo do Condado e Manuel Teixeira Gomes não integram este agrupamento.

---

[7b21a9d5ff03.filesusr.com/ugd/adf0ab\\_128f1ce7058344e4b478778c19308e9c.pdf](https://7b21a9d5ff03.filesusr.com/ugd/adf0ab_128f1ce7058344e4b478778c19308e9c.pdf) a 08/06/2017.

<sup>8</sup>Cf. <https://aeddinislisboa.wixsite.com/aeddinis/damio-de-gois> (consultado a 08/06/2017).

<sup>9</sup> Cf. <http://www.esecddinis.pt/> (consultado a 08/06/2017).

O agrupamento de escolas D. Dinis abrange todos os ciclos de ensino, do pré-escolar ao ensino secundário e herdou a tipologia TEIP3 (Território Educativo de Intervenção Prioritária, fase 3) do antigo Agrupamento Damião de Góis.

No ano em que foi feita a Prática Pedagógica, o Agrupamento, no conjunto dos estabelecimentos que o compõem, tinha matriculados 2671 alunos, distribuídos pelos vários anos e ciclos de ensino que compõem a oferta estatal, do Pré-escolar ao 12º ano.

#### Descrição física da escola

A escola é composta por cinco edifícios: pavilhões A, B, C e D e pavilhão gimnodesportivo. Além dos edifícios, a escola também possui um campo de jogos exterior, diferentes espaços de recreio, vários jardins e passagens abrigadas que comunicam os diferentes pavilhões. Destaco de forma positiva a variedade e quantidade de árvores e de arbustos presentes nos espaços exteriores da escola.

No pavilhão A, composto por dois pisos, situam-se a sala de Professores, sala de Diretores de Turma, a sala de receção a Encarregados de Educação, a sala de Assistentes Operacionais, a Biblioteca (integrada na Rede de Bibliotecas Escolares), a sala TIC, a Direção, o arquivo e reprografia. Os pavilhões B e C, ambos de dois pisos, são constituídos por doze salas de aula cada. Aqui estão incluídos o laboratório de Física e Química, de Biologia, a sala de Educação Visual, a sala de Educação Tecnológica e a sala de Educação Musical. No pavilhão D estão situados o refeitório, a sala de alunos, a papelaria e sala do GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família).

#### Oferta educativa da escola

A oferta educativa na Escola Damião de Góis incluía turmas dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, um curso vocacional de 2.º ciclo de Desporto e Espaços Verdes, com as áreas de Jardinagem, Produção Agrícola e Desporto, e um curso vocacional de 3.º ciclo de Espaços Verdes, com as áreas de Jardinagem, Produção Agrícola e Manutenção de Campos de Golfe. Funcionou ainda, no ano em que se realizou a PES, o segundo ano de um Curso de Educação e Formação (CEF) de Jardinagem e Espaços Verdes, mas, segundo informação do *site* da escola, seria o último ano de funcionamento deste tipo de oferta. Segundo o Projeto Educativo do Agrupamento, o encaminhamento dos alunos para os cursos é feito após um processo de

avaliação vocacional pela Psicóloga do Agrupamento, com o parecer dos Diretores de Turma e o acordo dos Encarregados de Educação.

### Alunos e professores

A escola tinha, aquando do estágio, 302 alunos no 2º Ciclo e 203 no 3º Ciclo, o que perfazia um total de 505 alunos matriculados. Deste conjunto de alunos, 17 tinham Necessidades Educativas Especiais e 62,4% estavam abrangidos pelo Apoio Social Escolar, nos escalões A e B.

Para a constituição das turmas, afirma o Projeto Educativo do Agrupamento, “é respeitada a heterogeneidade das crianças e jovens, podendo o Diretor, perante situações pertinentes, e após ouvir o Conselho Pedagógico, atender a outros critérios que sejam determinantes para a promoção do sucesso e para a redução do abandono escolar”<sup>10</sup>.

Quanto ao pessoal docente, a escola contava, no momento em que foi feita a PES, com um total de 51 professores.

### Caraterização da sala de aula

As aulas da PES foram lecionadas na sala de informática situada no pavilhão A. Trata-se de uma sala ampla que está equipada com 10 computadores de mesa, posicionados ao redor da sala e outro na mesa do docente. No centro da sala há mesas com lugares para 18 alunos, colocadas em 4 filas. A sala também está equipada com um quadro de ardósia (em muito mau estado), com um projetor multimédia e com uma tela branca para projeção.

A maneira como estão posicionadas as mesas, em 4 filas contínuas, dificulta a circulação dos docentes entre os alunos. Por outro lado, o estado de desgaste do quadro também prejudica a qualidade gráfica do texto escrito com o giz.

---

<sup>10</sup> AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. DINIS, *Projeto Educativo, 2014 – 2018*, consultado em [https://aa59a12b-540c-4dd2-b810-7b21a9d5ff03.filesusr.com/ugd/adf0ab\\_128f1ce7058344e4b478778c19308e9c.pdf](https://aa59a12b-540c-4dd2-b810-7b21a9d5ff03.filesusr.com/ugd/adf0ab_128f1ce7058344e4b478778c19308e9c.pdf) a 08/06/2017.

### Caraterização da turma

A turma da PES estava constituída por 22 alunos do 7º ano, dos quais 15 eram do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Esta turma formava-se por alunos provenientes de três turmas diferentes: 6 do 7º A, 10 do 7ºB e 6 do 7ºC. Os alunos estavam numa faixa etária que ia dos 12 aos 15 anos.

No conjunto de alunos matriculados em EMRC, comparando com a totalidade dos alunos matriculados nas três turmas do 7º ano, verifica-se uma baixa taxa de retenção (a maioria nunca ficou retida, sendo que somente 5 já ficaram retidos).

Verifica-se no grupo de alunos matriculados em EMRC alguma variedade cultural, com alunos provenientes de diferentes países, mas destacam-se duas alunas vindas da China e que se incorporaram na turma quase no final do 1º Período. Estas duas alunas manifestaram muitas dificuldades de compreensão da língua portuguesa, o que dificultou tanto a integração das mesmas na turma, como o acesso aos conteúdos lecionados na aula.

A nível económico, a maioria dos alunos da turma são apoiados pelo Apoio Social Escolar em escalões A e B.

No que diz respeito à adesão dos alunos às estratégias propostas pelos docentes nas aulas, os alunos mostraram-se colaboradores e interessados, embora houvesse momentos das aulas em que se dispersavam com facilidade.

Finalmente, pelo facto de a turma ser composta por alunos provenientes de três turmas diferentes, na hora de início da aula (12:30) os alunos não chegavam ao mesmo tempo, prolongando, por isso, o tempo de criação de um clima adequado para o desenvolvimento da aula e, conseqüentemente, diminuindo o tempo útil de aula.

É de notar ainda que, pela análise dos alunos em aula, que a maioria destes tinha poucos conhecimentos prévios relativos à matéria que foi lecionada e relativos à religião católica. Vários alunos, alguns de culturas estrangeiras, não eram cristãos católicos, pelo que tinham um baixo nível de cultura e conhecimentos do âmbito da religião cristã e, conseqüentemente, tiveram alguma dificuldade em aprofundar alguns dos temas que foram abordados.

Por outro lado, analisando os dados recolhidos na avaliação-diagnóstico feita na segunda aula do 1º Período Letivo, conclui-se que os alunos retiveram os conceitos mais essenciais abordados no 6º ano. Eis a análise que foi feita no meu Portfólio da PES:

“Da análise dos resultados obtidos no teste diagnóstico pode verificar-se que a nota média dos alunos que responderam ao teste é 80%, do mesmo modo, a nota mais frequente é 80%. Por outro lado, as notas oscilam entre os 60% (nota mínima) e os 90% (nota máxima).

[...] A questão que obteve um menor número de acertos foi a questão 8, referida à Unidade Letiva 3, “A partilha do pão”, do 6º ano. As questões que obtiveram mais acertos foram a 1, referida à UL 1, “A pessoa humana”, e a 5, referida à UL 2, “Jesus, um Homem para os outros”. Em suma, com base nos resultados obtidos, tudo indica que os conteúdos lecionados no ano anterior foram bem assimilados e adquiridos por parte dos alunos.”<sup>11</sup>

## **2. A Unidade Letiva 1 do 7º ano “As Origens”**

Uma vez apresentado o contexto dos agentes e dos espaços implicados na PES, cabe agora apresentar mais detalhadamente a Unidade Letiva que foi lecionada e o seu respetivo enquadramento dentro do programa de EMRC. Para isso são apresentados aqui alguns dados sobre a Unidade Letiva “As origens”, uma breve análise crítica de alguns aspetos relevantes e uma adequação do que é proposto no Programa ao grupo concreto de alunos. A adaptação da leção do Programa ao grupo de alunos é indispensável, pois é a ação em que são tidas em conta as capacidades, os conhecimentos prévios, as dinâmicas de aula, os materiais disponíveis e o contexto social e educativo dos alunos. Além disso, há que ser tida em conta que, a esta planificação proposta e construída antes das aulas, ainda é necessário adicionar pequenas alterações em função do desenvolvimento de cada aula e da interação concreta dos alunos com o professor.

### **2.1. Reflexão crítica e enquadramento no ano, no ciclo e no Programa**

No conjunto do Programa de EMRC, definido desde o 1º ano, do Primeiro Ciclo, ao Ensino Secundário, esta unidade é a primeira que se propõe para o 7º ano (Terceiro Ciclo). Na tabela seguinte apresentam-se as Unidades Letivas lecionadas no 6º e no 7º ano, de modo a contextualizar a Unidade Letiva lecionada na PES.

---

<sup>11</sup> Cf. J. BARBOSA, *Portfólio da PES*, 9. (Este documento e respetivos anexos foram entregues como anexo do Relatório da PES).

<b>Ano</b>	<b>Unidade Letiva</b>	<b>Título</b>
6º	1	A pessoa humana
6º	2	Jesus, um homem para os outros
6º	3	A partilha do pão
7º	1	As origens
7º	2	As religiões
7º	3	Riqueza e sentido dos afetos
7º	4	A paz universal

*Tabela 1: Unidades Letivas anteriores e posteriores à Unidade Letiva "As origens", no Programa de EMRC<sup>12</sup>.*

Na tabela 1 destaca-se a cor amarela a Unidade Letiva lecionada. De acordo com o Programa, a Unidade Letiva proposta imediatamente antes desta é “A Partilha do Pão”, que desenvolve em profundidade a questão da solidariedade e do amor. Por outro lado, a Unidade Letiva que vem depois, trata das religiões. A Unidade Letiva sobre as origens centra-se no sentido da vida e na ecologia, indo, para isso, buscar respostas à religião (tema central na unidade sobre as religiões) e apelando à responsabilidade pelo cuidado do bem comum (tema central na unidade sobre a partilha do pão). É, portanto, uma Unidade Letiva bem enquadrada no conjunto do Programa, pois nela se dá uma confluência das duas unidades vizinhas, a que a precede e a que vem no seu seguimento.

### Domínios e Metas Curriculares

No Programa de EMRC, as Metas Curriculares agrupam-se em três grandes domínios: “Religião e experiência religiosa”, “Cultura cristã e visão cristã da vida” e “Ética e moral”. De acordo com a proposta do Programa, a seguinte tabela assinala as metas definidas para a Unidade Letiva 1 e os correspondentes domínios.

---

<sup>12</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*.

<b>Domínios</b>	<b>Metas</b>		<b>UL 1</b>
Religião e experiência religiosa	A	Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	
	B	Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	X
	C	Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	X
	D	Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	
Cultura cristã e visão cristã da vida	E	Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	
	F	Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	X
	G	Identificar os valores evangélicos.	X
	H	Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.	
	I	Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	
	J	Descobrir a simbólica cristã.	
	K	Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	X
	L	Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	X
Ética e moral	M	Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	
	N	Promover o bem comum e o cuidado do outro.	
	O	Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	X
	P	Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	
	Q	Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	

*Tabela 2: Domínios e Metas atribuídos pelo Programa de EMRC à Unidade Letiva "As origens".*

Tal como se pode verificar no *gráfico 1*, na Unidade Letiva 1 predominam as metas curriculares referentes ao segundo domínio: “Cultura cristã e visão cristã da vida”. Por outro lado, o domínio com menos peso é o terceiro: “Ética e moral”, com apenas uma meta curricular que lhe corresponde.

Ao comparar o primeiro com o segundo domínio, verifica-se que há um equilíbrio de atribuição de metas curriculares, pois há uma proporcionalidade. Ou seja, na Unidade Letiva trabalham-se duas metas curriculares do primeiro domínio (de um total de quatro) e quatro metas curriculares do segundo domínio (de um total de oito).

Sendo assim, conclui-se que, em proporcionalidade, o domínio menos trabalhado é o terceiro.

## DOMÍNIOS NA UL 1

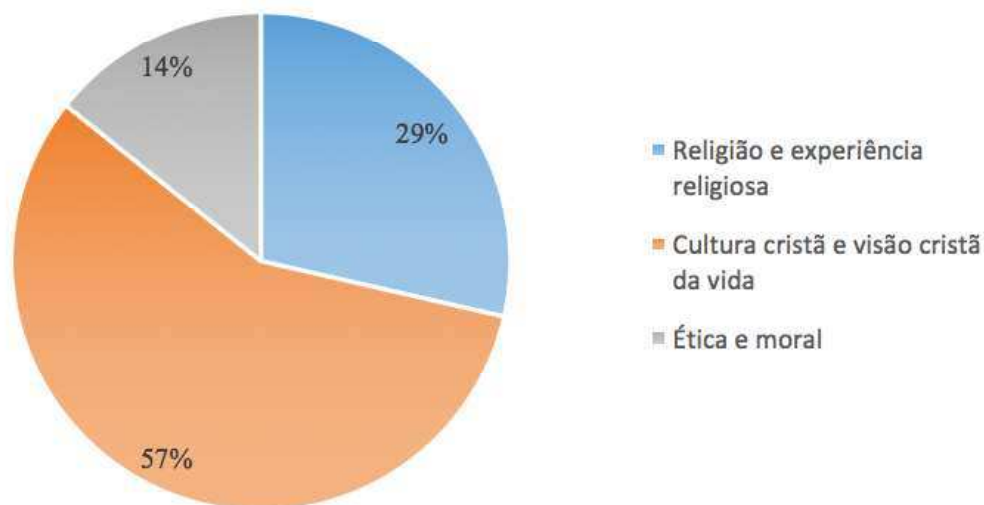


Gráfico 1: Distribuição dos domínios na UL1.

Do meu ponto de vista, a meta curricular N (Promover o bem comum e o cuidado do outro.), embora não seja assinalada como tal, também está a ser trabalhada nesta unidade e, portanto, deveria ser posta em evidência, o que equilibraria a distribuição da unidade pelos três domínios. A meta N fala da promoção do bem comum e, no meu ponto de vista, o cuidado da “casa comum” fala exatamente desta atitude de promoção do bem comum e do cuidado do outro. Como se pode verificar tanto Programa de EMRC, como nos materiais disponíveis no *Manual* de EMRC do 7º ano, um dos objetivos, o objetivo 6, “Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação”, fala explicitamente do cuidado do outro.

### Objetivos e Conteúdos

O Programa de EMRC propõe o desenvolvimento da Unidade Letiva 1, seguindo uma determinada ordem de Objetivos e Metas, que está apresentada de maneira a respeitar a numeração dos objetivos que, por sua vez, são inseridos dentro das Metas, tal como se pode ver na seguinte tabela:

<b>Metas</b>	<b>Objetivos</b>
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano.
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	2. Conhecer a criação tal como relatada nos textos bíblicos.
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	3. Conhecer o projeto de Deus presente na mensagem bíblica.
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	4. Conhecer textos sagrados de outras tradições religiosas sobre a temática da origem da vida.
G. Identificar os valores evangélicos.	5. Desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação.
K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	6. Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação.

*Tabela 3: Objetivos atribuídos a cada Meta, segundo o Programa de EMRC.*

Da análise da Tabela 3 é possível observar que, à exceção do objetivo 5, cada objetivo está associado a uma Meta Curricular. O Objetivo 5, por sua vez, está associado a duas Metas Curriculares. Esta organização justifica-se pelo facto de que os Objetivos ajudam a alcançar as Metas e, por outro lado, há objetivos que podem ajudar a alcançar de forma mais notável diferentes Metas.

No entanto, na Prática Pedagógica levada a cabo, a ordem dos objetivos estabelecida no Programa não foi respeitada, de modo a adaptar as planificações ao *Manual do Aluno* e à realidade da turma. No momento da planificação justificou-se uma alteração desta ordem, de modo a adequar o Programa ao grupo de alunos da turma.

Na tabela seguinte (Tabela 4) expõe-se a planificação das aulas que foram dadas na PES, referentes a esta unidade letiva, organizadas em função das aulas lecionadas e não em função da ordem dos objetivos propostos pelo Programa. Deve ser tido em conta que cada uma das linhas da tabela corresponde a uma aula planificada com os alunos. No total, foram lecionadas 7 aulas referentes à Unidade Letiva, no entanto, a aula 7 não aparece nesta tabela, pois nessa aula foi feita a ficha de consolidação de conteúdos, em que foram avaliadas as aprendizagens dos alunos relativas a todas as Metas Curriculares trabalhadas ao longo das aulas que foram lecionadas dentro da Unidade Letiva 1.

<b>Aula</b>	<b>Metas</b>	<b>Objetivos</b>
1	B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano.
2	B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano.
3	L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	2. Conhecer a criação tal como relatada nos textos bíblicos.
4	L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	2. Conhecer a criação tal como relatada nos textos bíblicos. 3. Conhecer o projeto de Deus presente na mensagem bíblica.
5	L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. <i>Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano.</i> 6. Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação.
6	G. Identificar os valores evangélicos. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	5. Desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação. 6. Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação.

*Tabela 4: Metas e Objetivos trabalhados na lecionação da Unidade Letiva "As origens"*

Como se pode verificar na tabela, a meta B foi trabalhada em três aulas, a meta O foi trabalhada em duas aulas, a meta F foi trabalhada numa aula, e ambas as metas G e K só foram trabalhadas numa aula. Por outro lado, a meta C não foi trabalhada. A opção de não trabalhar a meta C deveu-se a que, no *Manual*, esta meta era trabalhada somente com dois pequenos textos e, devido à escassez de aulas para lecionar o Programa, foi feita a opção de investir mais tempo no trabalho do tema da ecologia e menos tempo nos dois textos do Hinduísmo e do Islamismo, cujo conteúdo geral já tinha sido trabalhado no momento em que foram trabalhadas as cosmogonias.

Também se pode observar na tabela (em itálico) que um objetivo não corresponde à meta referida à aula em causa. A alteração levada a cabo na planificação deve-se ao facto de que o objetivo seja mais adequado aos conteúdos lecionados, pois os conteúdos desta aula correspondem, no Programa, à meta B, mas foram trabalhados na perspetiva do diálogo entre a cultura e a fé (meta L).

No que diz respeito aos conteúdos, estes foram lecionados sempre de acordo com os objetivos a que correspondem no Programa. Dado que a meta C não foi lecionada, o objetivo 4 também não foi lecionado e, conseqüentemente, os conteúdos que correspondiam ao objetivo 4, não foram lecionados, pois nas aulas não se trabalharam textos sagrados de outras tradições religiosas, embora se tenha falado de aspetos centrais de outras tradições religiosas, como a egípcia antiga ou a hindu.

## 2.2. Itinerário apresentado no *Manual do Aluno*

Além da proposta de trabalho feita pelo Programa de EMRC, no momento da planificação e desenvolvimento das aulas, os professores e os alunos tinham como principal recurso o *Manual* de EMRC<sup>13</sup> do 7º ano. Do *Manual* foram utilizados nesta PES vários recursos: textos, atividades, resumos de conteúdos, esquemas, imagens e etc.

O próprio *Manual* é já uma interpretação e um desenvolvimento do que é apresentado no Programa. Neste sentido, será apresentado seguidamente um breve resumo da narrativa apresentada como proposta no *Manual* de EMRC do 7º ano para a Unidade Letiva 1: “As origens”:

A proposta apresentada no *Manual* parte de Albert Einstein que se dirige aos alunos e apela à observação da maravilha que é o mundo e a deixar que uma sensação de mistério e admiração perante o mundo invada o pensamento dos mesmos. A partir daqui o livro propõe três questões:

Como surgiu o universo?

Por que existe a vida?

Como é que ela surgiu e se desenvolveu?

Estas são perguntas que nascem da experiência de observação da realidade e surgem nos alunos, mas também já surgiram em milhões de pessoas ao longo da história.

O *Manual* apresenta, a partir daqui, dois tipos de resposta possíveis: a perspetiva científica e a perspetiva religiosa.

Depois de apresentar algumas das teorias científicas mais paradigmáticas sobre a origem do universo, o *Manual* envereda pelo caminho das leituras simbólicas. Este itinerário começa por uma referência geral sobre algumas cosmogonias de relevância histórica, apresenta o que significa perguntar-se pelo sentido da existência e, posteriormente, apresenta a perspetiva cristã que responde a duas questões fundamentais: Por quê? Para quê?

Em seguida é desenvolvido o tema das origens na perspetiva bíblica. Neste tema o *Manual* começa por referir brevemente alguns dados da experiência do povo de Israel e destaca que o povo compreendeu que “Deus atua com amor na vida (...) para que todos vivam livres e felizes”<sup>14</sup>. Dentro da experiência do povo de Israel é sublinhado o acontecimento da libertação do Egito, em que é experimentada de maneira significativa a presença de Deus com um carácter libertador e salvador.

---

<sup>13</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero saber! Manual Do 7º ANO – EMRC*, SNEC, Lisboa, 2015.

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*, 16.

É então que o *Manual* introduz os relatos da criação presentes no *Génesis*. Estes relatos são precedidos de uma introdução que refere que os relatos usam uma linguagem simbólica e que respondem ao porquê e para quê da existência do ser humano, através de géneros literários, nomeadamente, o género mito, que, ao não ser uma narrativa historiográfica, tem uma função simbólica. Além disso, é explicado que é importante compreender os géneros literários presentes em cada texto bíblico, para entender a mensagem que quer transmitir o texto. Ao apresentar os relatos da criação o *Manual* providencia a transcrição dos relatos: o primeiro é Gn 1,1-6.9.11.20.25-29.31; 2,1-4a e o segundo é Gn 2.4b-8.18-24. Uma vez mais, o *Manual* insiste, como exploração dos relatos propostos aos alunos, que a *Bíblia* quer responder a questões sobre o sentido da vida (porquê e para quê) e não a questões do campo da ciência (quando, como e onde). Posteriormente, explica alguns elementos simbólicos presentes nas narrativas da criação, a saber: “Adão e Eva”, “o homem e a mulher ficam a ser uma só pessoa”, “façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança”, “dar nome”, “sete” e “jardim do *Éden*”. Depois, como conclusão sobre as narrativas da criação, o livro indica que o objetivo destes textos é “expressar a fé num Deus bom que tudo criou”, mostrar que “toda a criação divina é boa”, que “o homem e a mulher são criados por Deus para serem felizes”, que a harmonia original narrada nestes textos é um mito, pois “utiliza linguagem e imagens míticas; mas é uma realidade, enquanto retrata o grande sonho da humanidade” e termina a referir que “a descrição do paraíso terrestre é um apelo à transformação do mundo no qual o ser humano tem um estatuto e dignidade diferente dos outros seres vivos”. Neste modo de concluir o trabalho sobre os relatos da criação já se denota uma preparação para o tema da ecologia que será apresentado no final da unidade letiva.

De modo a completar o tema das origens na perspetiva bíblica, o *Manual* apresenta brevemente o *Salmo 8* como um Hino ao Criador, que evidencia a ideia da dignidade do ser humano como obra-prima da criação.

No seguimento do itinerário da unidade letiva, o *Manual* propõe dois temas muito brevemente. O primeiro fala da criação noutras tradições religiosas e desenvolve-se baseado em dois textos, um de fonte hinduísta (*Upanishads*, 1.1) e outro de fonte islâmica (*Alcorão* 71, 12-20; 35, 10); o segundo fala da relação entre fé e ciência e refere que ou “Bíblia ou ciência” é uma contraposição que não faz sentido, pois respondem a questões diferentes e, para conhecer algo a fundo, devemos procurar diferentes perspetivas.

No seguinte tema, o penúltimo da unidade letiva, o *Manual* fala da criação como um acontecimento inacabado. Neste tema os autores seguem o seguinte raciocínio: partindo do facto de que a criação é uma realidade inacabada, os seres humanos podem ajudar na tarefa de cooperação com o Criador, tal como o fizeram muitas pessoas para que tivéssemos as coisas

que foram inventadas antes mesmo de nascermos. Assim, usando as nossas capacidades e os nossos dons, podemos colaborar na criação. Surge, então, a questão ecológica, apresentada como uma responsabilidade de todos, pois “todos habitamos a mesma casa”, que é a Terra, um planeta que sofre uma crise do ambiente, uma crise energética e uma crise de matérias-primas. Aqui o *Manual* propõe uma questão: “Será que entendemos mal o significado do verbo “dominar” presente nos relatos da criação?” E a resposta que dá a esta questão equipara “dominar” com “cuidar”, defende que devemos respeitar a “casa” em que vivemos e que “na relação entre as pessoas e a natureza, vale a prioridade do ser sobre o ter”. Finalmente, o *Manual* propõe sete desafios ecológicos dirigidos ao cuidado de sete diferentes elementos da criação, afetados por diferentes problemas.

O último tema da Unidade Letiva mostra um olhar de esperança sobre a criação. Para isso, são apresentados quatro textos de diferentes autores e procedências que põem em evidência a beleza, a bondade e a maravilha da vida e da Natureza: o “Cântico das criaturas” de São Francisco de Assis, um texto da Greenpeace, “Todas as coisas são um milagre” de Albert Einstein e “A vida,” de Santa Madre Teresa de Calcutá. Além dos diferentes textos, o *Manual* apresenta um esquema resumo da unidade letiva que indica que a missão da humanidade é “dominar a criação”, “cocriar” e “cuidar”.

### **2.3. A prática letiva**

No coração deste Relatório encontra-se o trabalho levado a cabo com os alunos. Foi a parte do trabalho mais imprevisível, pois no momento do desenvolvimento de cada aula surgiram muitos fatores que não dependeram só do professor que orientava o fio condutor da aula, mas que dependeram da predisposição e do envolvimento de cada um dos alunos que estava presente dentro da sala de aula.

Em diferentes aulas entraram alunos na sala de aula que vinham afetados por problemas familiares, ou por conflitos ocorridos noutras disciplinas ou nos intervalos. Surgiram pequenos conflitos dentro da sala de aula que tiveram de ser geridos pelos professores presentes. Houve flutuações no grau de motivação dos alunos para as aprendizagens. Houve alunos que estavam a conversar dentro da sala de aula e que tiveram de ser chamados à atenção ou que não estavam com vontade de trabalhar e tiveram de ser incentivados para fazê-lo, etc. Mas, ao mesmo tempo, todos estes fatores cujo surgimento não dependia do professor, trouxeram para dentro da sala de aula um grande dinamismo que não

só não impediu que o plano de aulas fosse cumprido, como ainda trouxe mais riqueza para a aula.

Destaco um momento, que embora não tenha ocorrido durante a leção desta Unidade Letiva, foi muito relevante tanto para os alunos como para os professores. Aconteceu numa das aulas que eu estava a dinamizar no âmbito da Unidade Letiva 3: “Riqueza e sentidos dos afetos”, em que a proposta feita aos alunos foi que permanecessem em silêncio, de olhos fechados, com os braços pousados em cima da mesa e a cabeça em cima dos braços. Enquanto isso, os alunos escutavam uma música calma de fundo e recebiam indicações minhas para relaxar, fazer respirações profundas e conscientes e seguir um itinerário de visualização mental que eu ia descrevendo. A todos aqueles alunos era a primeira vez que lhes propunham uma sessão de relaxamento e o resultado foi incrivelmente efetivo, pois, em pouco tempo, toda a turma tinha aderido completamente à proposta que lhes estava a fazer. Perto do final da sessão havia um número considerável de alunos que estavam a chorar, porque se tinham emocionado ao contactar com dimensões da interioridade que nunca antes tinham explorado. Nas aulas seguintes os alunos pediram várias vezes para voltar a fazer mais sessões de interioridade. Este episódio que destaquei reflete de forma muito clara que, independentemente das dificuldades dos alunos, da multiculturalidade da turma e da capacidade para manterem ou não a concentração, os alunos, na presença de algo que os motive profundamente, conseguem demonstrar competências e um grau de adesão às propostas feitas muito acima do esperado.

Dadas as características próprias do grupo de alunos destinatários da leção da Unidade Letiva, foi necessário fazer algumas adaptações na forma de trabalhar os materiais presentes no *Manual do Aluno*.

Em primeiro lugar, a grande maioria dos alunos da turma não possuía *Manual do Aluno*, pelo que, as estratégias usadas na aula não puderam estar apoiadas em atividades que se centrassem em trabalhos individuais com o *Manual*. Para superar a falta de *Manual*, em determinadas atividades que estiveram centradas em recursos do *Manual*, foi usada uma projeção do mesmo. No entanto, esta alternativa nem sempre foi a ideal, porque, por exemplo, na aula em que foram projetados os relatos da criação, presentes na página 19 do *Manual do Aluno*, os alunos tiveram dificuldades na leitura, porque a quantidade de texto era demasiado elevada para projetar de uma só vez.

Em segundo lugar, em ordem ao cumprimento da totalidade do Programa proposto para o 7º ano, foi necessário seleccionar alguns conteúdos para desenvolver mais e outros para desenvolver menos no trabalho com os alunos. Dada a divisão do ano letivo em três períodos,

seria mais natural que o Programa do 7º ano propusesse três unidades letivas e não quatro, como ocorre. Esta divisão em quatro Unidades Letivas tem como consequência que o tempo disponível para cada Unidade Letiva seja escasso.

Em terceiro lugar, os materiais propostos no *Manual do Aluno* para a leção da Unidade Letiva são demasiado extensos para os tempos de aulas disponíveis para a Unidade Letiva. A fim de superar esta dificuldade, somada ao facto de que poucos alunos tinham *Manual*, foram criadas apresentações de PPT com resumos e reconfigurações dos textos do *Manual*.

Em quarto lugar, para enriquecer a leção dos conteúdos, foram usados diferentes recursos audiovisuais e exemplos ilustrativos dos conteúdos. Estes recursos foram, principalmente, imagens, vídeos e esquemas.

Em quinto lugar, de modo a consolidar os conteúdos, no fim de cada aula, usando como estratégia uma tempestade de ideias, com a orientação do docente, os alunos elaboravam em conjunto uma frase-síntese de cada aula. Na última aula da Unidade Letiva os alunos preencheram uma Ficha de Consolidação de Conteúdos, que abrangia todos os principais conteúdos lecionados.

#### Lecionação dos conteúdos nas aulas

Neste ponto do Relatório são apresentadas as grelhas de planificação de nível 4 de cada aula, e é feito um breve resumo do desenvolvimento de cada uma das sessões, composto por excertos de anotações feitas após cada uma das aulas e recopiladas no Portefólio da PES. Além disso, também são mostrados alguns exemplos dos materiais didáticos usados, bem como um resumo dos resultados conseguidos na ficha de consolidação de conteúdos que foi preenchida pelos alunos na última aula da Unidade Letiva 1.

De modo a organizar a apresentação deste ponto, as tabelas de planificação das aulas são apresentadas horizontalmente nas páginas do Relatório e os restantes materiais e considerações são apresentados seguindo o esquema vertical do resto do relatório.

A totalidade das planificações, materiais, relatórios, atas e avaliações estão compilados no Portefólio da PES.



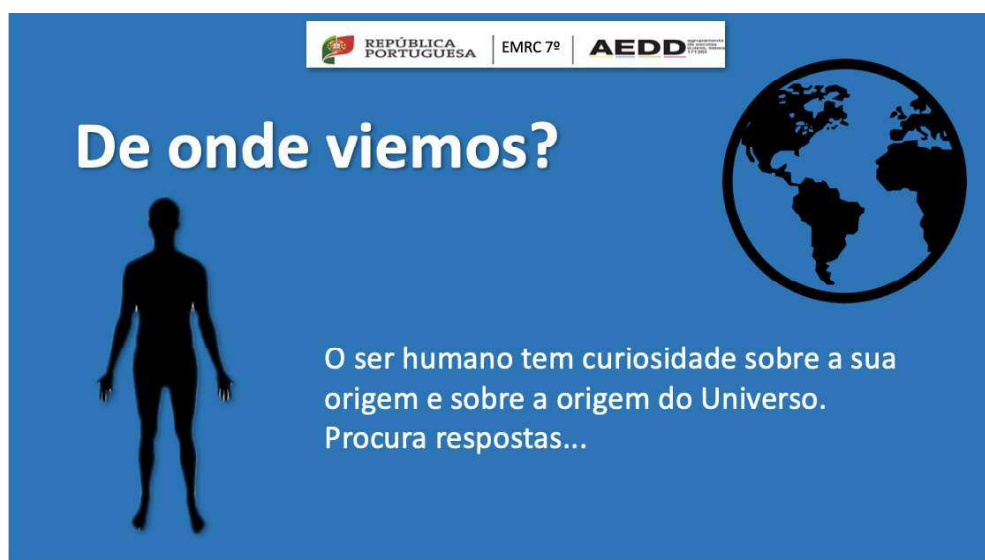
A estrutura desta aula foi planificada pelo professor estagiário Jaime Barbosa, contudo, a lecionação da mesma foi posta em prática pelo professor estagiário Pedro Luz.

Na primeira parte da aula foi feita a correção da Ficha de Avaliação Diagnóstico, recorrendo a um PPT com a resposta correta a cada uma das dez perguntas que foram feitas aos alunos.

Na segunda metade da aula, foi apresentado primeiramente e de forma breve o trabalho a realizar ao longo de todo o ano letivo, através de quatro imagens alusivas aos temas que se trabalham no 7º ano.

Seguidamente, o professor apresentou um pequeno PPT que expunha duas teorias científicas que explicam a origem do ser humano e a origem do universo: Teoria do *Big-Bang* e Teoria da Evolução das Espécies. Aqui é apresentada aos alunos o ponto de vista científico da origem da nossa existência.

Seguidamente, são apresentados dois excertos do PPT usado e uma imagem do *Manual* de EMRC do 7º ano que resume a matéria trabalhada:



*Ilustração 2: Excerto do PPT da aula 1, Unidade Letiva 1.*



# Duas respostas da Ciência



Teoria da Evolução das espécies

Teoria do Big Bang

Ilustração 3: Excerto do PPT da aula 1, Unidade Letiva 1.



Ilustração 4: Esquema da pág. 12 do Manual de EMRC do 7º Ano.



Plano de Aula 3

**Nível:** 7 | **Unidade Letiva:** 1 | **Aula:** 2 | **Lição:** 4 | **Data:** 11/10/2016 | **Ano Letivo:** 2016/2017

**Sumário:** Leitura simbólica das origens. A procura de sentido para a vida. Visualização de um vídeo e de um PPT.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano.	A Maravilha do universo e a grandeza do ser humano.	Acolhimento dos alunos, registo do sumário e introdução à aula.  <b>Visualização de vídeo “ Funeral Canticle”</b> : diálogo; comentário pelo professor.	Caderno diário do aluno.	10m	O professor observa nos alunos:
		Leitura religiosa sobre o sentido da vida e da existência humana e a sua relação com os dados das origens: -Origem última e primeira; -Destino final.	<b>Apresentação em PPT:</b> -cosmogonias no Egito, na Grécia Antiga, na Índia e na China Antiga; -sentido das origens. (Explicação dos conceitos mais complexos pelo professor)	Vídeo (An. 06), Computador e projetor.  PPT (An. 07) e Computador e projetor.	15m	-Participação no diálogo.  -Atenção e interesse;
			<b>Síntese de aula:</b> Chuva de ideias sobre a aula e construção da frase síntese.	Quadro e giz.	5m	-Participação oral.

**Síntese de aula:** O ser humano procura respostas para as perguntas sobre a sua origem e sentido.

Depois das rotinas iniciais da aula, o professor estagiário Jaime Barbosa projetou um vídeo intitulado “Funeral canticle<sup>15</sup>”, em que apareciam várias imagens de diferentes elementos da criação: natureza, animais, pessoas, células humanas, o universo, etc. Durante o vídeo o professor foi comentando o que se estava a ver no vídeo, para que os alunos captassem melhor a mensagem do vídeo: diferentes elementos da criação, tanto à escala do gigante do universo inteiro, como à escala microscópica das células. O objetivo deste recurso foi fazer com que os alunos refletissem sobre a grandiosidade da criação.

Depois da visualização do vídeo o professor estagiário pediu aos alunos que partilhassem ideias que considerassem importantes sobre o vídeo e, a modo de chuva de ideias, o professor foi escrevendo palavras-chave daquilo que os alunos iam dizendo. Os alunos descreveram várias das coisas que viram: paisagens diferentes, “um mundo muito variado”, que “nós somos parte da criação”, o universo, dinossauros, células, etc. A modo de conclusão retirada da visualização do vídeo, o professor estagiário observou que ao olharmos para o mundo que nos rodeia e para a grandiosidade do que nos rodeia, nascem dentro de nós perguntas sobre quem somos, de onde vimos, quem criou tudo isto, o que é o ser humano no meio do universo, etc.

Neste sentido, o professor estagiário introduziu o PPT sobre as cosmogonias de algumas civilizações antigas, pois estas cosmogonias são claros exemplos das respostas que o ser humano teve perante as perguntas sobre o mundo e a criação. O PPT ia apresentando muito sucintamente as cosmogonias do Egito, da Grécia Antiga, da Índia e da China Antiga. Depois de pedir a diferentes alunos que lessem os distintos elementos de cada cosmogonia, o professor estagiário aprofundou e explicou os dados apresentados e fez algumas ligações entre as cosmogonias, por exemplo, ao explicar a crença comum a várias cosmogonias de que no início existia o caos. Cada diapositivo que apresentava as cosmogonias continha uma imagem referente à mesma cosmogonia, que foi utilizada para aprofundá-la.

Seguidamente são apresentados alguns excertos do PPT usado para explicar as diferentes cosmogonias.

---

<sup>15</sup> Este vídeo, intitulado “Funeral Canticle” aglutina excertos do filme “A Árvore da Vida” e mostra imagens da Terra e da vida, que ajudam os alunos a contemplar a vida que há neles e na Terra. Desta contemplação nasce uma reflexão sobre a nossa existência na Terra.

## As cosmogonias - Egito

- Mito da Criação de Heliópolis
- Princípio: Nun (água do caos)
- A colina de lodo Ben-Ben levantou-se das águas e no topo o primeiro deus (Atum)
- Desse deus surgiram todos os outros.



*Ilustração 5: Excerto do PPT da aula 2, Unidade Letiva 1.*

## As cosmogonias – Grécia antiga

- O princípio era o Caos.
- Surgiu o amor (Eros) e a terra (Gea)
- Deles surgiram uns gigantes que originaram os deuses.
- Epimeteu criou os homens, mas de barro, imperfeitos e sem vida.
- Prometeu roubou o fogo a Hefesto e deu-o aos homens.



*Ilustração 6: Excerto do PPT da aula 2, Unidade Letiva 1.*



## As cosmogonias – Índia

- Tudo tem origem no som inicial Om.
- Daqui os deuses Brahma, Xiva e Visnu.
- Brahma criou o Universo
- O Universo tem a duração de um dia de vida de Brahma: 4.320.000.000 anos.



*Ilustração 7: Excerto do PPT da aula 2, Unidade Letiva 1.*



## As cosmogonias – China Antiga



- Ao começo era o caos em forma de ovo.
- Dentro do ovo estavam Ying e Yang
- Estas energias quebraram o ovo.
- Os elementos pesados formaram a terra, os outros o céu.
- Entre céu e terra estava P'na-ku, que originou o homem.



*Ilustração 8: Excerto do PPT da aula 2, Unidade Letiva 1.*



## Plano de Aula 4

**Nível:** 7 | **Unidade Letiva:** 1 | **Aula:** 3 | **Lição:** 5 | **Data:** 18/10/2016 | **Ano Letivo:** 2016/2017

**Sumário:** As origens na perspetiva bíblica. Trabalho em pares sobre as narrativas bíblicas da criação.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	2. Conhecer a criação tal como relatada nos textos bíblicos.	A narrativa da criação no Livro do <i>Génesis</i> (Gn 1-2,24): -Géneros literários; -O género narrativo mítico: características e finalidade.	Acolhimento dos alunos, registo do sumário e introdução à aula.  <b>Exposição oral sobre o êxodo e Leitura dialogada:</b> de uma BD sobre o <i>Génesis</i> e a criação do mundo. (MA17)	Caderno diário do aluno.  Manual do aluno.	10m  10m	O professor observa nos alunos:  -atenção e interesse;  -participação;
			<b>Apresentação em PPT:</b> “ os géneros literários e o <i>Génesis</i> ” .	PPT (An. 08). Computador e projetor.	10m	-atenção e interesse;
			<b>Trabalho de grupo em pares:</b> sobre as narrações da criação no <i>Génesis</i> . (MA19)	Manual do aluno.	10m	-capacidade de trabalho em pares.
			<b>Síntese de aula:</b> Chuva de ideias sobre a aula e construção da frase síntese.	Quadro e giz.	5m	- participação oral dos alunos.

**Frase de síntese de aula:** A *Bíblia* apresenta o seu relato da origem no Livro do *Génesis* através de simbologias.

Nesta aula o professor estagiário desenhou a giz um mapa simplificado do Médio Oriente e explicou como o povo de Israel chegou ao Egito e, liderado por Moisés, conseguiu sair para a Terra Prometida. Durante a explicação, o professor estagiário mostrou um papiro trazido do Egito e passou-o pelos alunos da turma, para que estes contactassem fisicamente com algo real do Egito. Foi explicado aos alunos que a experiência do êxodo marcou a maneira de o povo responder às perguntas sobre a sua própria origem.

Depois da explicação sobre o êxodo, a modo de introdução para o trabalho sobre os relatos da criação no *Génesis*, o professor estagiário explicou o que se entende por “símbolo” e a origem da ideia num prato que se partia e cada parte interessada, no âmbito de um acordo, ficava com uma metade do prato a que se chamava símbolo. Para explicar como usamos símbolos na linguagem, o professor estagiário contou uma história que continha várias expressões simbólicas usadas na linguagem corrente (como “cara metade” ou “ver navios”) e pediu aos alunos que imaginassem que esta história fosse escrita e fosse encontrada mil anos depois. Os alunos concordaram que a história não seria compreensível. Do mesmo modo, explicou o professor estagiário, os textos bíblicos usam expressões que nós não entendemos totalmente na atualidade, porque não compreendemos o sentido simbólico. No entanto, não devemos ler os textos de maneira literal.

No momento seguinte o professor estagiário propôs uma atividade aos alunos que consistia em trabalhar a pares os dois relatos da criação presentes nos capítulos um e dois do *Génesis*. Foi atribuído a um dos alunos do par um texto e ao outro aluno o outro texto e foi pedido aos alunos que escrevessem dez ideias-chave sobre o texto que estavam a trabalhar. Dado que a maioria dos alunos não tinha *Manual* do aluno, foi necessário projetar o texto. No decorrer da atividade os alunos mostraram dificuldades em conseguir compreender a linguagem dos textos, pelo que foi necessário aprofundar o trabalho sobre os relatos na aula seguinte. Nesta aula, ao apresentar a experiência do êxodo do povo de Israel como experiência marcante que influencia as suas cosmogonias e ao falar da importância do símbolo, foi dada uma base de compreensão das cosmogonias, nomeadamente, da cosmogonia judaica, que está na base do cristianismo.



Plano de Aula 5

**Nível:** 7 | **Unidade Letiva:** 1 | **Aula:** 4 | **Lição:** 6 | **Data:** 25/10/2016 | **Ano Letivo:** 2016/2017

**Sumário:** Conclusão do trabalho sobre as narrativas bíblicas da criação. Os elementos simbólicos nas narrativas da criação.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação
L. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	2. Conhecer a criação tal como relatada nos textos bíblicos.	A narrativa da criação no Livro do <i>Génesis</i> (Gn 1-2,24); -Gêneros literários; -O género narrativo mítico: características e finalidade.	Acolhimento dos alunos, registo do sumário e introdução à aula.  <b>Leitura enfática:</b> relatos da criação presentes no <i>Génesis</i> . (MA19)  <b>Diálogo com os alunos:</b> a partir do trabalho sobre as narrativas da criação feito na aula anterior.	Caderno diário do aluno.  Manual do aluno.	10m  5m  8m	O professor observa nos alunos:  -atenção e interesse;  -participação;
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	3. Conhecer o projeto de Deus presente na mensagem bíblica.	A mensagem fundamental do <i>Génesis</i> : -A origem de todas as coisas é Deus; -Deus mantém as coisas na existência; -O amor de Deus cria e alimenta a natureza; -Todas as coisas materiais são boas; - O ser humano é a obra-prima de Deus; -Um hino ao criador e à dignidade do ser humano.	<b>Apresentação de um quadro:</b> resumo das características das narrativas bíblicas da criação.  <b>Leitura e comentário:</b> sobre os elementos simbólicos nas narrativas da criação.  (MA 21 e 22)	Quadro resumo (An. 09), Computador e projetor.  Manual do aluno.	7m  10	-atenção e interesse;  -participação e atenção;
			<b>Síntese de aula:</b> -Chuva de ideias sobre a aula e construção da síntese da aula.	Quadro e giz.	5m	- participação oral dos alunos.

**Frase de síntese de aula:** As narrativas bíblicas da criação apresentam a origem através de símbolos.

Esta aula, depois de terminadas as rotinas iniciais, centrou-se na leitura enfática dos dois relatos da criação, do *Génesis*, seguida por um diálogo entre o professor e os alunos sobre os textos.

Depois deste diálogo com os alunos, o professor estagiário projetou e explicou uma tabela (retirada do antigo *Manual* de EMRC do 7º ano) que continha algumas ideias-chave de cada texto e algumas diferenças entre ambos. Esta tabela falava de três aspetos dos textos. A saber: ordem cronológica, modo de formar o homem e a mulher e conceito de Deus. Nas ilustrações seguintes estão patentes excertos do PPT apresentado aos alunos:

REPÚBLICA PORTUGUESA | EDUCAÇÃO | AEDD

Gen 1	Gen 2
<ul style="list-style-type: none"><li>• <u>Ordem cronológica</u></li><li>• Deus adorna os céus com os astros</li><li>• Depois cria os peixes do mar, as aves do céu e os animais da terra.</li><li>• Finalmente, como obra-prima do seu trabalho, Deus cria o homem e a mulher.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Deus cria o homem – somente o masculino.</li><li>• A seguir planta as árvores.</li><li>• Depois cria os animais.</li><li>• Por fim forma a mulher.</li></ul>

*Ilustração 9: Excerto do PPT da aula 4, Unidade Letiva 1.*

REPÚBLICA PORTUGUESA | EDUCAÇÃO | AEDD

Gen 1	Gen 2
<ul style="list-style-type: none"><li>• <u>Modo de formar o homem e a mulher</u></li><li>• Deus dá especial importância à formação do primeiro par humano. Estabelece uma pausa no seu trabalho da criação para dialogar consigo mesmo. “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”.</li><li>• Contudo, nada se diz acerca do modo como os formou. Deus chama-os à vida pela Palavra. E cria os dois sexos simultaneamente.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Deus forma o homem com argila e sopra-lhe nas narinas um sopro de vida.</li><li>• Depois pensa em dar-lhe uma companheira.</li><li>• Então forma a mulher, saída duma costela do primeiro homem.</li></ul>

*Ilustração 10: Excerto do PPT da aula 4, Unidade Letiva 1.*

## Gen 1

- Conceito de Deus
  - A imagem de Deus é a de um Senhor grandioso e onipotente: é o Senhor do Universo.
  - Como um operário hebreu, trabalha em 6 dias e abstém-se de trabalhar no 7º.
  - À sua Palavra onipotente tudo vem à existência.

## Gen 2

- Deus é muito paternal: um Deus Vivo.
- É representado antropomórficamente, com características muito humanas: é oleiro, jardineiro e cirurgião; trata-se de uma ideia de Deus bastante primitiva.

*Ilustração 11: Excerto do PPT da aula 4, Unidade Letiva 1.*

No momento seguinte, o professor estagiário solicitou aos alunos que consultassem o *Manual do Aluno* na página 21 e 22 para fazerem a leitura em voz alta da explicação sobre alguns símbolos presentes nos relatos da criação (estas páginas do *Manual* foram projetadas na sala de aula). Os elementos simbólicos referidos foram: “Adão e Eva”, “O homem e a mulher ficam a ser uma só pessoa”, “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança”, “Dar nome”, “Sete” e “Jardim do Éden”. A exposição destes elementos foi enriquecida com esclarecimentos por parte do professor estagiário. Por exemplo, ao explicar que o ser humano está feito à imagem e semelhança de Deus, o professor estagiário chamou um aluno e foi perguntando se ele tinha os seguintes elementos, que são semelhantes em Deus e no Homem: capacidade de criar e dar nome; capacidade de amar e ser amado; liberdade para tomar opções. A receptividade dos alunos à explicação sobre os símbolos foi muito positiva e os alunos mostraram entusiasmo para ler e para participar nos momentos de diálogo.

Ao trabalhar estes conteúdos explicativos dos relatos do *Génesis* na aula, os alunos mostraram compreender melhor que este tipo de relatos tem objetivos de ordem diferente dos apresentados pela ciência e até mostraram curiosidade em explorar mais conhecimentos relacionados com a cosmogonia judaica.

**Plano de Aula 6**

**Nível: 7** | **Unidade Letiva: 1** | **Aula: 5** | **Lição: 7** | **Data: 08/11/2016** | **Ano Letivo: 2016/2017**

**Sumário:** Explicação da conjugação da ciência com a fé. A criação como acontecimento inacabado: construção de um cartaz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	21. Questionar a origem, o destino e o sentido da vida e do universo e do ser humano.	A leitura religiosa sobre a existência humana e a sua relação com os dados das ciências: - Origem última e primeira; - Destino final.	<b>Acolhimento dos alunos:</b> registo do sumário e introdução à aula. <b>Explicação participativa:</b> conjugação entre ciência e fé no referente à origem da pessoa, baseada no Manual (MA 27)	Caderno diário do aluno.  Quadro e giz. Manual do aluno.	10m  10m	O professor observa nos alunos:  -atenção e interesse; -participação;
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	6. Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação.	Como se colabora com Deus na obra da criação: - cuidado e respeito por todas as coisas criadas; - respeitar os seres vivos, de acordo com a sua condição; - usar os recursos com parcimónia, só enquanto são necessários à vida humana.	<b>Apresentação em PPT “ criação como acontecimento inacabado” :</b> exposição do professor e leitura dos textos pelos alunos.  <b>Construção de cartaz:</b> desafios ecológicos.	PPT (An. 10) e Computador e projetor.  Cartolina, imagens a cores, desafios ecológicos e cola. (An. 11)  Quadro e giz.	10m  10m  5m	-atenção e interesse;  -colaboração na construção do cartaz;  participação oral dos alunos.
			<b>Síntese de aula:</b> -Chuva de ideias sobre a aula e construção da síntese da aula.			

**Frase de síntese de aula:** A criação está inacabada. Nós podemos colaborar no cuidado da criação.

Depois do acolhimento dos alunos na sala, do registo do sumário e da breve revisão dos conteúdos dados na aula passada, com recurso ao quadro e giz da sala de aula, através de desenhos e palavras-chave, o professor estagiário explicou a relação entre “fé” e “ciência”. Esta explicação foi baseada na página 27 do *Manual do Aluno*. No quadro, o professor estagiário escreveu as palavras “ciência” e “fé” e, por baixo das mesmas, escreveu, com a ajuda participativa dos alunos da turma, algumas características de cada uma delas, nomeadamente, as perguntas às quais pode responder primordialmente a ciência (onde, quando e como) e a fé (porquê e para quê). Depois de explorar cada uma delas, o professor estagiário explicou que os dois âmbitos representados por cada palavra não se anulam, mas podem conjugar-se, pois respondem a perguntas diferentes sobre a origem da humanidade.

Posteriormente, com recurso a um PPT projetado, foi exposta uma a visão da criação como acontecimento inacabado (Ilustração 12). Esta apresentação tem como base a imagem de uma casa em construção, na qual, cada um com os seus dons, pode colaborar (Ilustração 13). Ao apresentar esta imagem, o professor estagiário fez também uma breve referência ao Papa Francisco e à encíclica *Laudato Si'* e à ideia do “cuidado da casa comum” defendida pelo Papa (Ilustração 14).



*Ilustração 12: Excerto do PPT da aula 5, Unidade Letiva 1.*

## E eu?

- Posso colaborar na criação
- Cada um de nós tem um dom especial.
- Os nossos dons desenvolvem-se quando se põem ao serviço dos outros.



Ilustração 13: Excerto do PPT da aula 5, Unidade Letiva 1.

## Laudato Si'



“Casa comum”

Ilustração 14: Excerto do PPT da aula5, Unidade Letiva 1.

Finalmente, o PPT aludiu à urgência de cuidar da nossa “casa comum”, mostrando uma imagem de uma casa em ruínas e falando de crises que afetam a criação, explicando como se deve entender a palavra “dominar” presente nos relatos da criação do *Génesis* e propondo sete desafios ecológicos para o cuidado da criação (Ilustração 15).

## É urgente cuidar da criação



- Crise do ambiente
- Crise energética
- Crise de matérias-primas



*Ilustração 15: Excerto do PPT da aula 5, Unidade Letiva 1.*

Na atividade seguinte, o professor estagiário apresentou aos alunos uma cartolina verde com o título “7 desafios ecológicos” e com papéis colados com sete elementos da criação. Uma vez apresentada esta base, o professor estagiário propôs aos alunos completar o cartaz com os problemas que afetam cada elemento da criação e com alguns conselhos para cuidar os elementos. Para este propósito, o professor estagiário distribuiu pelos alunos imagens da criação e papéis recortados apresentavam os enunciados de alguns problemas que afetam elementos da criação e conselhos para cada elemento. Neste momento, com a ajuda do professor Pedro Luz, o professor estagiário pediu aos alunos que fossem nomeando os problemas enunciados e colando na cartolina os respetivos papéis, de modo a completar o cartaz. Na seguinte imagem (Ilustração 16) observa-se o resultado final do cartaz feito pela turma. Depois de elaborado, de modo a haver uma permeabilidade das aulas para a comunidade educativa da escola, o cartaz foi exposto num corredor da escola.

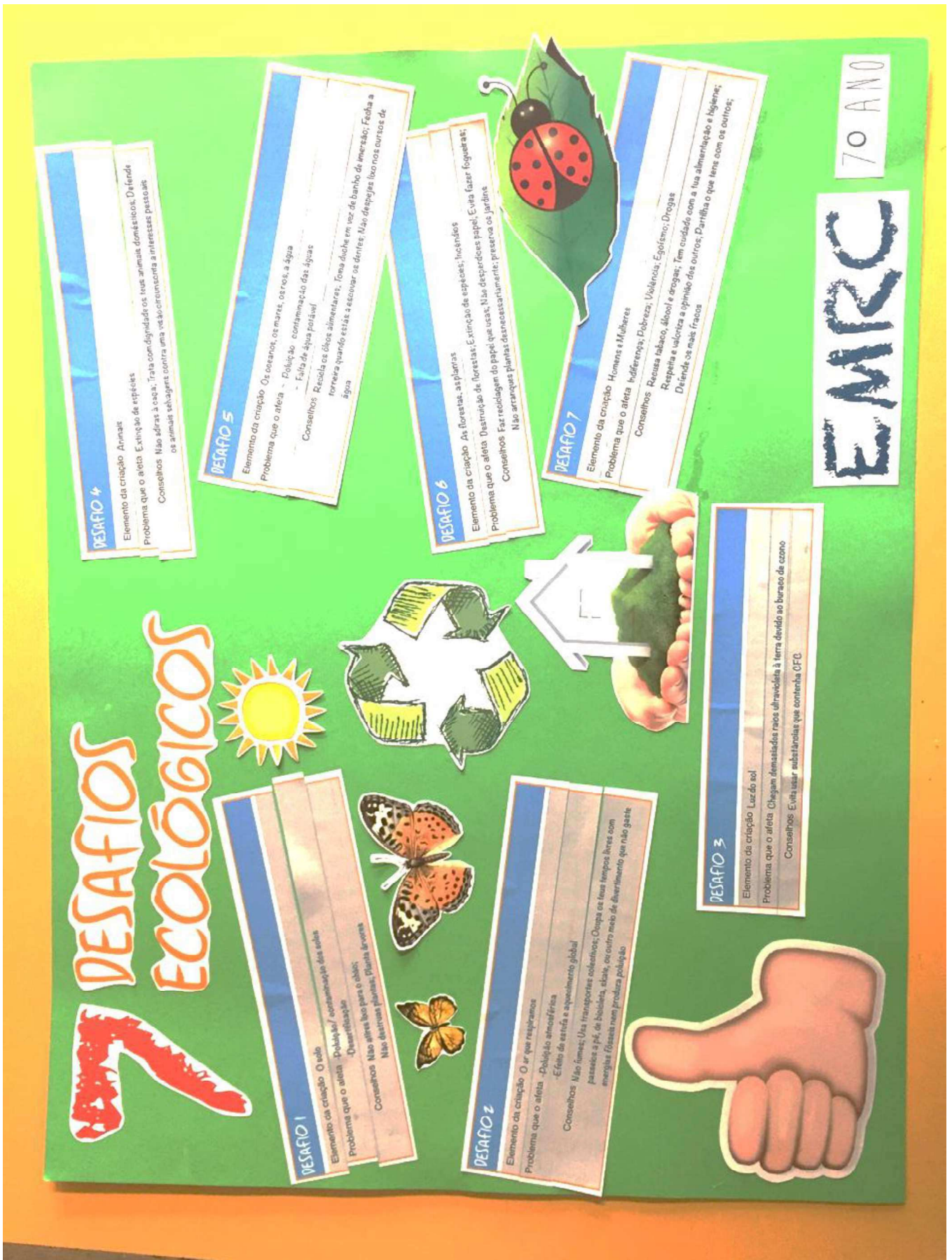


Ilustração 16: Imagem do cartaz elaborado pelos alunos (Anexo 11 do Portfólio da PES).

É importante sublinhar que nesta aula os alunos trabalharam de forma muito visual o conceito de “casa comum”, usando toda a força da metáfora de uma casa cujo cuidado pertence a todos os seres humanos.

A elaboração do cartaz foi feita através de desafios que levam os alunos ao cuidado de diferentes dimensões do planeta. Por outro lado, também foi relevante o facto de que o cartaz tenha sido partilhado com a comunidade educativa, pois os alunos sentiram-se ainda mais implicados no cumprimento dos desafios que colocaram no cartaz.

Na *Laudato Si'*, de acordo com Maria de Lourdes Paixão, o Papa apresenta um caminho no qual se podem verificar quatro passos: “ver, julgar, agir e celebrar<sup>16</sup>”. No trabalho deste cartaz os alunos cumpriram os três primeiros passos deste caminho proposto pelo Papa Francisco.

---

<sup>16</sup> M. PAIXÃO, *Laudato Si' – Sobre o cuidado da Casa Comum: Ver, Julgar, Agir e Celebrar*, Gaia, 2019, consultado em <https://casacomum.pt/wp-content/uploads/2020/07/Laudato-Si-LourdesPaix%C3%A3o-Fraternitas-12out19.pdf> a 19/02/2020.



Plano de Aula 7

Nível: 7 | Unidade Letiva: 1 | Aula: 6 | Lição: 8 | Data: 15/11/2016 | Ano Letivo: 2016/2017

Sumário: Apresentação de um olhar de esperança sobre a criação a partir de textos de três autores. Conclusão da Unidade Letiva.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação
G. Identificar os valores evangélicos. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso	5. Desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação.	Cântico das criaturas de S. Francisco de Assis.	<b>Acolhimento dos alunos:</b> registo do sumário e introdução à aula.  <b>Leitura enfática e comentário:</b> “ Cântico das criaturas”, “ Todas as coisas são um milagre” e “ A vida” (MA 34 e 36)	Caderno diário do aluno.  Manual do aluno.	10m  15m	O professor observa nos alunos:  -atenção e interesse; -participação no diálogo;
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	6. Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação.	Como se colabora com Deus na obra da criação: - cuidado e respeito por todas as coisas criadas; - respeitar os seres vivos, de acordo com a sua condição; - usar os recursos com parcimónia, só enquanto são necessários à vida humana.	<b>Apresentação:</b> do esquema resumo “ No Princípio... E Hoje?” (MA 35) e do cartaz feito na aula anterior.	Manual do aluno e fotografia projetada do cartaz dos 7 desafios ecológicos (An 12), Computador e projetor.	15m	- atenção, interesse e participação no diálogo;
			<b>Síntese de aula:</b> -Chuva de ideias sobre a aula e construção da síntese da aula.	Quadro e giz.	5m	- participação oral dos alunos.

**Frase de síntese de aula:** A nossa ação possibilita um futuro melhor para o mundo.

Para trabalhar os conteúdos programados para esta aula, baseando-se no *Manual do Aluno*, o professor estagiário apresentou três textos de três personagens famosas, referidos à criação: Francisco de Assis, Albert Einstein e Madre Teresa de Calcutá. Para a exploração de cada um dos textos, o professor estagiário começou por apresentar cada um dos autores dos textos e pediu a diferentes alunos para lerem enfaticamente os textos. Como a grande maioria dos alunos não possuem *Manual do Aluno*, as páginas em uso foram projetadas. Depois da leitura enfática de cada texto, o professor estagiário pediu aos alunos que descobrissem qual era a palavra mais repetida em cada um dos textos e, a partir dessa palavra, o professor estagiário reforçou a ideia principal que transmite cada texto.

Na estratégia seguinte, o professor estagiário projetou um esquema retirado da página 35 do *Manual do Aluno*, que resumia as principais ideias dos conteúdos vistos ao longo de toda a unidade letiva (Ilustração 17).

Este esquema sublinha a diferença entre fé e ciência e como ambos se podem conjugar para responder a questões sobre a origem e o sentido da vida. No conjunto do esquema, o termo “cocriar” foi o que mais chamou a atenção dos alunos, que perguntaram o que significava. Para chegar ao significado de “cocriar”, o professor estagiário dialogou com os alunos, perguntando por palavras semelhantes a “cocriar”, de modo que os próprios alunos chegaram à conclusão de que nós ajudamos Deus a continuar a criação.



Ilustração 17: Esquema presente na pág. 35 do Manual de EMRC do 7º Ano.



## Plano de Aula 8

**Nível:** 7 | **Unidade Letiva:** 1 | **Aula:** 7 | **Lição:** 8 | **Data:** 15/11/2016 | **Ano Letivo:** 2016/2017

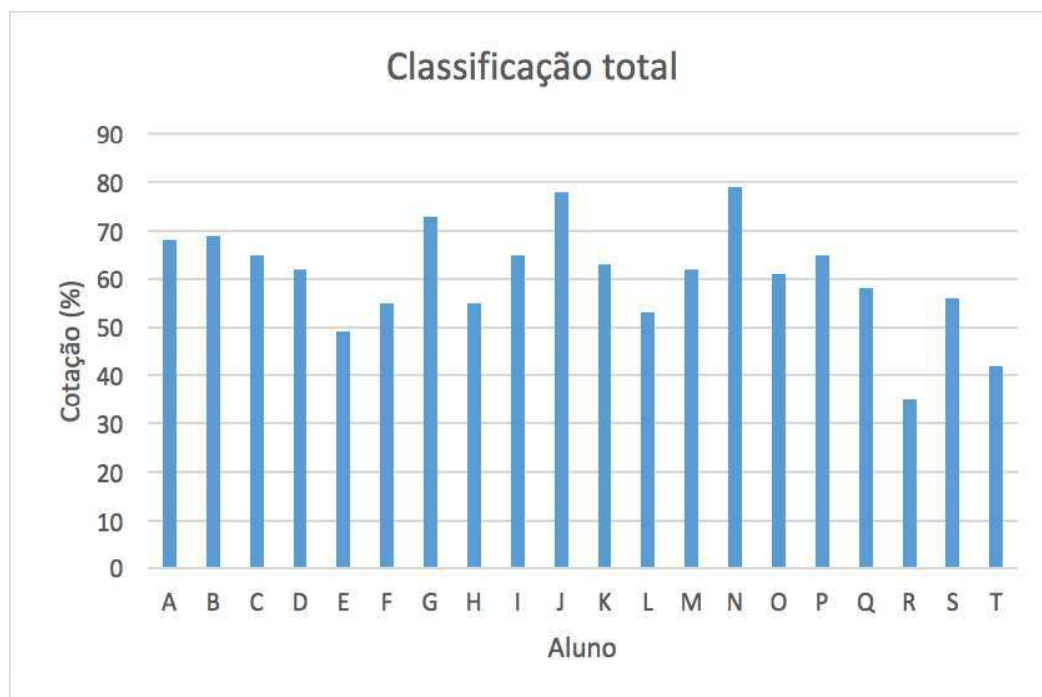
**Sumário:** Ficha de Consolidação de conteúdos.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	🕒	Avaliação
			<b>Acolhimento dos alunos:</b> registo do sumário e introdução à aula.  <b>Trabalho individual:</b> Ficha de Consolidação de conteúdos.	Caderno diário do aluno.  Ficha de Consolidação de conteúdos. (An. 13)	10m  35m	Ficha de consolidação de conteúdos, de acordo com a matriz de correção. (An.14)

**Frase de síntese de aula:** (Dada a tipologia específica desta aula, não foi elaborada uma frase síntese da mesma).

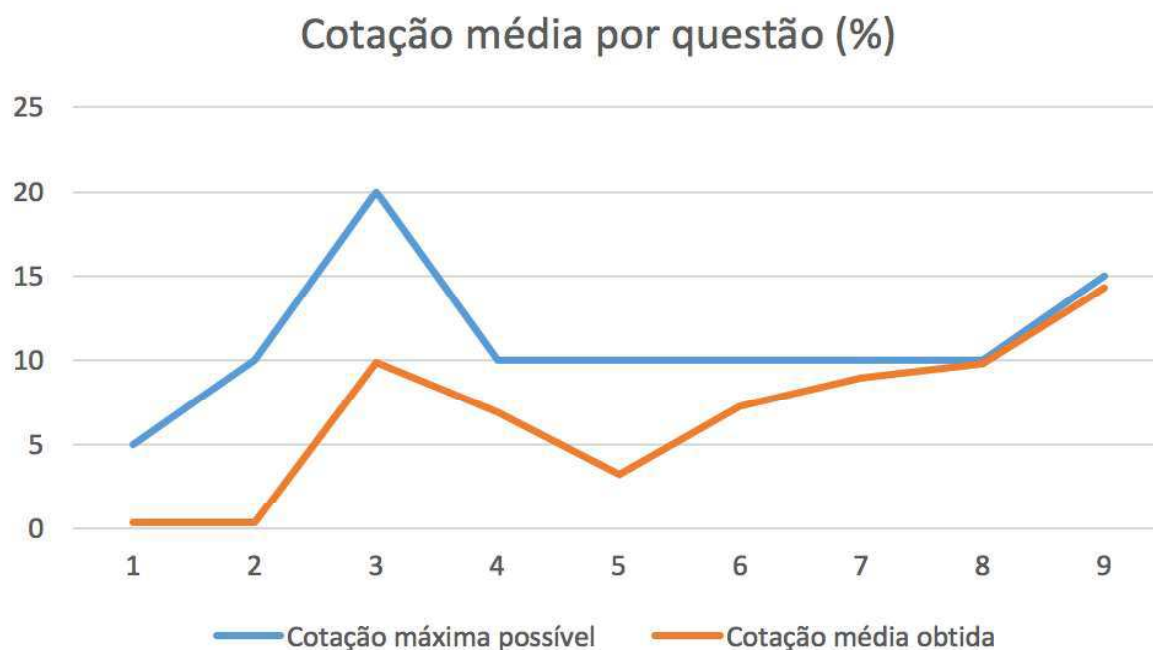
Nesta aula os alunos procederam à resolução da ficha de consolidação de conteúdos. Inicialmente a prova estava programada para uma duração de 20 minutos. No entanto, dada a dificuldade na resolução da ficha por parte dos alunos, o tempo de resolução foi alargado para cerca de 35 minutos.

Em seguida é apresentado um resumo da análise dos resultados alcançados pelos alunos na ficha de consolidação:



*Gráfico 2: Classificação total dos alunos na ficha de consolidação de conteúdos.*

No Gráfico 2 (em que os alunos, por questões de proteção de dados, são identificados com as letras de A a T) é possível observar a cotação total, em percentagem, obtida por cada um dos alunos. A nota média dos alunos é 60,65%, a nota máxima dos alunos é de 79% (aluno “N”) e a nota mínima é de 35% (aluno “R”).



*Gráfico 3: Cotação média obtida pelos alunos em cada questão.*

Da observação do gráfico 3 conclui-se que as questões em que os alunos obtiveram uma cotação média inferior foram as questões 1 e 2, que coincidem com as questões com maior número de cotações 0% obtidos por parte dos alunos. Por outro lado, a questão com uma média de cotação maior é a 9 (14,25%). No entanto, analisando as cotações máximas possíveis em cada questão, observa-se que a questão em que os alunos obtiveram uma média mais aproximada à cotação máxima possível, foi na questão 8, com uma média de 9,75%, numa cotação máxima possível de 10%.

Apesar do bom rendimento dos alunos durante as aulas, é de sublinhar a dificuldade que os mesmos tiveram em nomear uma teoria científica que explica a origem do ser humano e a dificuldade que tiveram em explicar o que é uma cosmogonia. Finalmente, os alunos também manifestaram muita dificuldade em explicar como se podia conjugar “ciência” e “fé”. Por outro lado, destaca-se como positivo o facto de que os alunos sabem identificar as consequências de considerar a Terra como a nossa “casa comum” e a facilidade em construir argumentos para promover o cuidado da nossa “casa comum”.

## 2.4. Reflexão geral sobre a prática letiva

Depois de concluída a lecionação da Unidade Letiva 1 e depois de relidos todos os relatórios elaborados após cada uma das aulas, em que consta um breve relatório de como decorreu a aula, a minha autoavaliação e a heteroavaliação feita tanto pelo Professor Estagiário Pedro Luz como pelo Professor Cooperante José António Oliveira e pelo o Professor Orientador Mestre Juan Ambrosio, é possível fazer algumas reflexões sobre a PES.

Em primeiro lugar, foi possível observar um crescente interesse por parte dos alunos no desenvolvimento das aulas, aspeto que pode ser um bom indicador da boa compreensão que os alunos estavam a ter dos conteúdos expostos e trabalhados).

Em segundo lugar, por minha parte, à medida que me ia familiarizando com o grupo de alunos, sentia-me mais seguro no papel de docente, o que me permitiu, por exemplo, usar cada vez mais exemplos ilustrativos dos conteúdos, utilizar estratégias mais complexas com os alunos e, até mesmo, estabelecer uma relação mais próxima com os alunos.

Em terceiro lugar, ao longo da PES, dentro desta Unidade Letiva, fui aprendendo que para adaptar a docência do Programa ao grupo concreto de alunos, era mais efetivo o uso de estratégias mais simples: que trabalhassem poucos conteúdos simultaneamente, que recorressem frequentemente a imagens ou vídeos, que tocassem temas próximos à vivência dos alunos e que pudessem recorrer a exemplos ilustrativos da minha própria experiência de vida.

Em quarto lugar, concluo que a maneira como se apresenta uma estratégia a este grupo de alunos faz toda a diferença no grau de motivação dos alunos e na implicação que, posteriormente, têm no cumprimento das tarefas pedidas e na atenção exigida para o tempo de aula. Por exemplo, o modo como a Ficha de Consolidação de Conteúdos foi apresentada, levou a que os alunos, principalmente no início da resolução da mesma, tivessem uma motivação insuficiente. Contudo, graças à insistência dos professores presentes durante a resolução da Ficha, a maior parte dos alunos conseguiu resolver grande parte dos exercícios com êxito.

Finalmente, em quinto lugar, concluo que o facto de no final de cada aula ouvir o parecer dos professores que assistiram à aula e partilhar com eles a minha própria perceção da aula, ajudou-me a tomar consciência de fortalezas e debilidades no modo como orientava as aulas.

Olhando para o itinerário apresentado e trabalhado com os alunos, foi feito um caminho que começou com as explicações da ciência sobre a origem da vida e do universo,

passou por uma contemplação da maravilha e da grandiosidade do mundo que nos rodeia, depois continuou por uma breve apresentação de diferentes cosmogonias de distintas tradições culturais e crenças, pelo trabalho e explicação dos relatos da criação no *Génesis*, pela apresentação da Terra como sendo a nossa “casa”, uma casa que está em construção e em que nós somos continuadores da criação (somos “cocriadores”), mas, ao mesmo tempo, foi constatado que há partes desta “casa” que estão descuidadas, pelo que cada ser humano, usando dos seus talentos e capacidades, está chamado a cuidar dela (tanto do planeta, como das pessoas que nele vivem).

É interessante constatar como é que numa Unidade Letiva cujo título é “As origens”, se trabalhe de forma tão incisiva a questão ecológica. À primeira vista seria de esperar que toda a temática andasse em volta das cosmogonias e das teorias científicas explicativas da origem do Universo e da vida e do ser humano. No entanto, o fio condutor da Unidade justifica muito bem a pertinência da abordagem da questão do cuidado do meio ambiente. Do meu ponto de vista, o tema da ecologia integral enriquece de forma substancial e dá um sentido atual e muito prático à questão das origens e, por sua vez, o tema sobre as origens também enriquece a visão sobre a ecologia. Os alunos que estudam este tema não ficam só por um estudo mais ou menos interessante sobre a origem do nosso mundo sob diferentes pontos de vista, mas, pelo contrário, são desafiados a olhar para a realidade como algo que lhes diz respeito e pela qual também têm alguma responsabilidade e perante a qual não podem permanecer como espectadores.

Não deixa de ser surpreendente que o *Manual do Aluno do 7º ano* tenha sido construído ao mesmo tempo que a *Laudato Si'* e, estando terminado antes da publicação da Carta Encíclica<sup>17</sup>, tenha tantos pontos em comum com este documento. Vejamos alguns pontos comuns entre o *Manual de EMRC do 7º Ano* e a Encíclica *Laudato Si'*: ambos os documentos falam do cuidado do ambiente, ambos relacionam ciência e fé, os dois conjugam o tema das origens com o tema da ecologia e os dois chamam à Terra “a nossa casa”. Além disso, os dois documentos também falam da ecologia de um modo integral: temos que cuidar da Terra e temos que cuidar das pessoas, nossas irmãs. Finalmente, os dois documentos, a dada altura, citam o *Cântico das Criaturas* de São Francisco de Assis.

---

<sup>17</sup> É de notar que a carta de apresentação do *Manual de EMRC do 7º ano*, redigida pela Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, data de 19 de março de 2015 e a Carta Encíclica *Laudato Si'*, está datada no dia 24 de maio de 2015.

Numa entrevista a Leonardo Boff, publicado no *site* brasileiro do Observatório do Clima, o teólogo afirma que, na *Laudato Si'*, “o Papa assume a metodologia que ele mesmo fez incluir explicitamente no Documento de Aparecida: ver, julgar, agir e celebrar.” E acrescenta ainda que “esse método tem a vantagem de partir sempre de baixo, das realidades concretas, dos desafios reais, e não de doutrinas a partir das quais se fazem deduções, geralmente abstratas e pouco mordentes quando referidas aos temas suscitados.”<sup>18</sup>

Pois bem, embora de forma implícita, a Unidade Letiva “As origens” assume também esta metodologia: olhar detidamente para a realidade do mundo em que vivemos (a nossa “casa comum”), que segundo a crença judaico-cristã nos foi dado por Deus; julgar o mundo em que vivemos, encontrando nele fragilidades ambientais e sociais; agir desde os nossos dons e talentos, protegendo a nossa “casa comum” e a dignidade de todos os nossos irmãos que nela habitam, sem esquecer a missão que nos é dada no relato da Criação presente no *Gênesis*: dominar a Terra, isto é, cuidar da Terra; finalmente, juntamente com São Francisco de Assis, no *Cântico das Criaturas*, celebrar e bendizer a Deus pela obra magnífica que nos deu.

Cabe agora retomar algumas das temáticas abordadas até este ponto no relatório e aprofundar o estudo e a sistematização das mesmas.

---

<sup>18</sup> Cf. L. BOFF, “Ecologia integral: A grande novidade da *Laudato Si'*”, *Observatório do Clima*, consultado em: <http://www.observatoriodoclima.eco.br/en/ecologia-integral-a-grande-novidade-da-laudato-si-nem-a-onu-produziu-um-texto-desta-natureza-entrevista-leonardo-boff/> a 16/03/2018.

## II. Aprofundamento do substrato teórico da Unidade Letiva

Neste segundo capítulo do Relatório haveria uma grande quantidade de temas (todos eles de elevado interesse e riqueza) a aprofundar. Por exemplo, seria interessante aprofundar as teorias científicas da origem do universo e do ser humano que foram trabalhadas com os alunos na Unidade Letiva 1. De igual modo, também seria interessante aprofundar cada uma das cosmogonias abordadas nas aulas de EMRC com este grupo de alunos e até mesmo fazer um estudo comparativo entre as diferentes cosmogonias. Outro tema que seria de interesse trabalhar poderia ser um estudo sobre os relatos da criação no *Génesis*.

Embora todos estes campos de estudo abram muitas possibilidades de aprofundamento, dado que na Unidade Letiva de EMRC em que se baseia este relatório está patente uma visão holística sobre as origens, centrar este estudo numa só das temáticas referidas seria empobrecer o resultado final, perdendo assim a oportunidade de explorar uma abordagem que, apesar de ser menos profunda, pode interligar os diferentes temas, orientando-os para o papel ativo da humanidade na construção de um mundo mais sustentável e mais fraterno, tocando na raiz de alguns dos grandes problemas com que humanidade enfrenta na atualidade.

Assim sendo, o foco deste segundo capítulo vai estar centrado no desenvolvimento dos seguintes pontos:

1. A pergunta do ser humano sobre o sentido e a origem da existência e da vida;
2. O modo de responder às grandes questões da humanidade, segundo a ciência e segundo a religião;
3. O modo como o olhar sobre as origens nos faz encontrar a raiz de alguns dos problemas que a humanidade enfrenta;
4. O ser humano perante a realidade que o rodeia: das origens para o presente.

A Unidade Letiva sugere uma reflexão sobre vários temas, tanto da Moral, como da Teologia, como da Fenomenologia.

Tem particular interesse a reflexão em torno da ideia de colaboração do Homem com Deus na tarefa da criação, numa dinâmica de cocriação, em que, em conjunto, ambos continuam a obra da criação que está inacabada. Ao mesmo tempo, também se desenvolve uma dinâmica de recreação e de recriação, em que o Homem frui da criação, daí o jogo com as palavras “criados para re-criar”, que exprime várias conotações: a recreação como fruição,

a recriação como continuação da criação de Deus, que “faz novas todas as coisas” (Ap 21,5). Por outro lado, a palavra “criar” também tem uma referência ao cuidado, como aquele de uma mãe que cria o seu filho, que o ajuda a crescer saudável e que o ama em todo o processo.

Entrando no campo da fenomenologia, também é sugestiva a constatação de que várias religiões e diferentes crenças tenham procurado respostas sobre o sentido da vida, levando, em muitos casos, à conceção de mitos da criação que dão corpo a diferentes cosmogonias.

Também é muito relevante a questão do sentido da vida. A observação e a contemplação da criação faz nascer na pessoa a pergunta sobre o sentido da própria existência no seio da criação. Esta pergunta tem um duplo sentido, tanto um sentido etiológico (“porquê?”), como um sentido teleológico, (“para quê?”). Ao mesmo tempo, também se entra aqui no campo da ciência, que responde primordialmente às perguntas: “quando?”, “onde?” e “como?”. Aqui surge o contributo que a EMRC pode dar aos alunos, proporcionando diferentes pistas sobre o sentido da existência.

Finalmente, é interessante uma leitura dos relatos da criação, do *Génesis*, em que Adão e Eva, inicialmente “co-laboradores” de Deus, “co-criavam” o próprio espaço e ato de liberdade. No entanto, ao deixarem de colaborar com Deus, entraram em disputa com Ele. Foi uma passagem da lógica do “eco”, para a lógica do “ego”. Eis uma das raízes de vários problemas que vivemos na atualidade! Ou seja, o ser humano passou de uma lógica de comunhão com a natureza e com Deus, para uma lógica de satisfação primordialmente pessoal, mais egoísta e menos altruísta. Neste sentido, se os seres humanos tivessem mantido a “co-laboração” com Deus, o modo de viver em comunhão com a natureza não estaria em causa. Logo, o pecado original é mais um fenómeno ecológico e de inteligência eco-lógica que moral.

## **1. A pergunta do ser humano sobre o sentido e a origem da existência e da vida**

A dúvida é uma atitude inerente à espécie humana. Ao duvidar, o ser humano é impelido a procurar respostas, explicações e sentido para as coisas e os acontecimentos que o rodeiam.

Na introdução deste relatório enumerei duas perguntas que nascem da preocupação ambiental: a dúvida sobre o futuro do planeta e a dúvida sobre o futuro da humanidade. Estas duas questões partem de uma análise do passado recente e do presente, em que se constata muitas fragilidades no nosso planeta e na humanidade: problemas ambientais e problemas humanitários. Ambas as questões estão viradas para o futuro, mas não se justificam por si mesmas, pois o verdadeiro interesse destas perguntas é alterar o a aceleração do destino fatal

do planeta e da humanidade, causada pelo mau uso do planeta por parte do ser humano. Ou seja, tentar descobrir o que ainda é possível fazer para mudar o destino para o qual a Terra e a humanidade se estão a dirigir a passos acelerados.

A introdução à Unidade Letiva 1 “As origens”, no *Manual de EMRC*, também apresenta várias perguntas interessantes e de grande relevância: Como surgiu o universo?<sup>[1]</sup>Porque existe vida?<sup>[1]</sup>Como é que ela surgiu e se desenvolveu?<sup>19</sup> Mais adiante, o *Manual* ainda acrescenta mais perguntas: “Que outras explicações podem existir, para além das científicas?”<sup>20</sup>; “Será que o universo e o ser humano surgiram simplesmente por acaso?; Tudo o que existe tem algum sentido ou, pelo contrário, tudo é resultado de um processo casual ou mesmo absurdo? A história da evolução está direcionada para um fim?”<sup>21</sup>.

Ao falar do sentido da vida e da humanidade, para as perguntas do “Porquê?” e do “Para quê?” o *Manual* distingue as respostas que são dadas pelas cosmogonias (através de mitos e lendas), daquelas que dá a perspetiva cristã (através dos textos bíblicos). As respostas dadas pelas cosmogonias “explicam o sentido da vida humana relacionando-a com a origem do universo, pela intervenção de divindades”; as respostas dadas pela perspetiva cristã “narram o sentido da vida e do universo no contexto da relação íntima com Deus” e “apresentam um projeto de felicidade”<sup>22</sup>.

Neste momento o objetivo do Relatório não é tanto responder a todas estas questões, nem mesmo julgar se são ou não lícitas ou se para elas há ou não há respostas. O objetivo é apresentar uma atitude do ser humano perante as questões referidas e perante a realidade da Terra.

## 2. O modo de responder às grandes questões da humanidade

No ponto anterior enumerei um conjunto de perguntas que certamente fazem parte das questões mais centrais da existência da humanidade. Pois bem, quem pode responder a estas questões?

O *Manual* de EMRC do 7º Ano apresenta de uma forma simples e breve (mas, em meu parecer, muito eficaz) dois campos que podem responder às grandes questões da humanidade: “A Bíblia [a religião] não tem a pretensão de responder ao quando, como e onde

---

<sup>19</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero saber! Manual Do 7º ANO – EMRC*, 8.

<sup>20</sup> Cf. *Ibidem*, 13.

<sup>21</sup> Cf. *Ibidem*, 14.

<sup>22</sup> Cf. *Ibidem*, 15.

(campo da ciência), mas procura responder às questões sobre o sentido do universo e da vida (porquê e para quê?)<sup>23</sup>.

Convém, no entanto, pontualizar que quando separo os tipos de questões em questões respondidas pela ciência e questões respondidas pela religião, não pretendo afirmar que estas questões são exclusivas de um campo ou do outro, mas sim sublinhar que estes campos diferentes respondem primordialmente a algumas perguntas concretas. Também não pretendo construir uma separação entre ciência e religião; pelo contrário, pretendo destacar a ideia de que o ser humano pode e deve procurar perguntas e respostas em diferentes campos de modo a construir um quadro cada vez mais completo da realidade que o rodeia. Atrevo-me mesmo a afirmar que uma vida unificada não pode ser uma vida unívoca, no sentido de ter uma só interpretação.

Exemplo desta conjugação aplicada à vida é o desenvolvido por Leonardo Boff no livro *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*<sup>24</sup> em que o autor fala do sacramento como um “jogo entre o homem, o mundo e Deus”<sup>25</sup>. Este jogo dá-se em três níveis, em que o primeiro é o processo de surpresa do homem perante a realidade e estudo da mesma; o segundo nível, em que entra a ciência, fala de um processo de domesticação do que causava estranhamento ao homem; o último nível é um nível de habituação aos objetos e estes últimos deixam de ser meros objetos e tornam-se “sinais e símbolos do encontro, do esforço, da conquista, da interioridade humana”<sup>26</sup>. É neste processo que a realidade se transforma em sacramento, pois “o mundo humano, mesmo material e técnico; é simbólico e carregado de sentido”<sup>27</sup>.

Quando Boff se pergunta sobre a linguagem dos sacramentos, a resposta que encontra afirma que a narrativa é a linguagem do sacramento, pois “surge do jogo do homem com o mundo e com Deus”<sup>28</sup> e não é argumentativa, pois o que quer fazer é “celebrar e narrar a história do encontro do homem com os objetos, as situações e os outros homens”<sup>29</sup>. Neste sentido, não deixa de ser interessante observar que quando o autor do *Génesis* quis apresentar a criação o tenha feito através de uma narrativa carregada de símbolos e enriquecida com o diálogo de Deus com a criação.

---

<sup>23</sup> Cf. *Ibidem*, 20.

<sup>24</sup> Cf. L. BOFF, *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, Editora Vozes Ltda, Petrópolis, 1975, 2ª edição.

<sup>25</sup> Cf. *Ibidem*, 10.

<sup>26</sup> Cf. *Ibidem*, 11.

<sup>27</sup> Cf. *Ibidem*, 11.

<sup>28</sup> Cf. *Ibidem*, 13.

<sup>29</sup> Cf. *Ibidem*, 13.

Aqui também podemos apresentar a Terra como sacramento, como aquela realidade que num primeiro nível cria espanto, cria surpresa e leva o Homem à procura de respostas; num segundo nível é estudada pelo Homem; e num terceiro nível torna-se num símbolo, num sacramento carregado de sentido e que permite ao ser humano dialogar com Deus e encher a sua própria vida de sentido.

Por outro lado, esta visão da Terra como sacramento confere um sentido muito mais profundo à questão ecológica, pois a ecologia desenvolve as suas raízes no campo do sentido profundo da existência humana e no campo do sagrado.

## 2.1. Segundo a ciência

A ciência, seguindo a linha de pensamento de Leonardo Boff, situa-se neste segundo nível de aproximação, levando o Homem a um processo de domesticação, ou seja, um processo de familiarização com a “estranha realidade”. Todavia, este processo não é fácil, não é linear, nem é fechado e este caráter de imperfeição, que aparentemente é negativo, revela-se, quando a ciência não é dogmatizada, como uma fortaleza desta área de conhecimento. A ciência, guiada pelo seu próprio método, o método científico, tem, portanto, como nota fundamental um caráter aberto que a leva a atualizar-se constantemente.

No campo das ciências teve grande impacto a época do Renascimento, período em que “começou a transição que nos conduziu das explicações míticas às científicas”<sup>30</sup>.

No referente ao estudo das origens, a ciência encontrou-se com grandes dificuldades que “levaram a que, durante séculos, a cosmologia fosse um ramo da filosofia, mais próximo da teologia do que das ciências naturais”<sup>31</sup>. No entanto, ao longo do último século, acompanhando a evolução da ciência, “esta situação mudou, quando alguns físicos e matemáticos perceberam que era possível aplicar os princípios básicos das suas ciências a todo o cosmos, incluindo o espaço e o tempo, sendo estes não apenas o palco onde ocorrem os eventos da história, mas também atores de grande importância”<sup>32</sup>.

Descobertas feitas por Edwin Hubble, que formulou a Teoria da Expansão do Universo e que, juntamente com estudos do Pe. Lemaître, conduziram à constatação de que o crescimento linear do Universo “teria uma implicação clara se recuássemos no tempo: a inversão da expansão linear faria com que a escala do Universo decrescesse de forma

---

<sup>30</sup> Cf. A.F. SOTO (trad. Isabel Mafra), *Depois do Big Bang: da origem ao fim do universo*, EMSE EDAP, S. L. Lisboa, 2016, 13.

<sup>31</sup> Cf. *Ibidem*, 8.

<sup>32</sup> Cf. *Ibidem*, 8.

progressiva [...] e ocuparia uma zona indefinidamente pequena do espaço”<sup>33</sup>. Estes estudos lançaram as bases para a formulação da Teoria do *Big Bang*, por Fred Hoyle.

Por sua parte, entrando no campo da biologia, destaca-se o papel de Charles Darwin e o desenvolvimento da Teoria da Evolução das Espécies.

Tanto a Teoria da Expansão do Universo, como a Teoria do *Big Bang*, como a Teoria da Evolução das Espécies, vieram trazer uma grande revolução à ciência, que conduziu a humanidade a uma compreensão muito mais esclarecida sobre a origem do Universo e a origem do ser humano.

Tal como afirma Leonardo Boff, podemos entender agora que “a natureza não é um relógio que já aparece montado de uma vez por todas. A natureza deriva de um longuíssimo processo cósmico: a cosmogénese.”<sup>34</sup>

## 2.2. Segundo a religião

No campo da religião, a procura de respostas sobre a origem da vida e a origem da humanidade também tem sido uma constante tanto no que se refere à história de cada religião, como no que se refere à variedade de religiões que têm como preocupação central esta questão. “Cada grupo cultural, por pequeno que seja, como é o caso dos indígenas amazónicos caiapós, em vias de extinção, possui a sua própria grande narração”<sup>35</sup>. É através destas narrações que “os seres humanos representam a origem do universo, o seu lugar no cosmos, o sentido do existir humano, de como é que o presente é o futuro do passado, qual é o destino da humanidade e como é que tudo está religado com a Divindade”<sup>36</sup>.

Não se trata apenas da satisfação de uma entre tantas curiosidades dos seres humanos, mas sim de procurar um sentido primeiro e um sentido último para a nossa existência. É como um desejo profundo de contextualizar a nossa existência que, quando alcançado, nem que seja só parcialmente, nos dá conforto espiritual e existencial. Como refere Boff, esta “narração tem como significado o conferir segurança e ordem à vida humana.”<sup>37</sup>

Todavia, o que é uma cosmogonia? O professor e investigador António de Freitas explica que “uma cosmogonia é um modelo que explica a origem do Cosmos; modelo que poderia ser ateuista ou não. Alguns modelos supõem a existência de uma substância original e outros não. A substância primordial poderia ser divina ou não. Em geral, quando a substância

---

<sup>33</sup> Cf. *Ibidem*, 27.

<sup>34</sup> Cf. L. BOFF, *Ecología. Grito de la Tierra, grito de los pobres*, Trotta, Madrid 1996, 15.

<sup>35</sup> Cf. *Ibidem*, 23.

<sup>36</sup> Cf. *Ibidem*, 23.

<sup>37</sup> Cf. *Ibidem*, 23.

primordial é divina, então estamos perante um Deus que é eterno”.<sup>38</sup> Nas aulas da PES que serviram de base para este Relatório foram apresentados alguns exemplos de cosmogonias de civilizações antigas e foi apresentado este conceito como um modelo que explica a origem do Cosmos. E, depois de apresentadas estas cosmogonias, foram apresentadas e aprofundadas as narrativas da criação presentes no livro do *Génesis* e como estas estão influenciadas pela história do povo hebraico e, por outro lado, como elas serviram de influência espiritual e existencial para este mesmo povo e, conseqüentemente, para todos os que são herdeiros desta tradição, como é o caso do cristianismo.

É interessante constatar a alusão que o Papa Francisco faz a estes relatos da criação na carta encíclica *Laudato Si'*. Diz o Papa no número 66 deste documento:

“As narrações da criação no livro do Génesis contêm, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua realidade histórica. Estas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a Terra”.<sup>39</sup>

Uma vez mais, encontra-se aqui aquele triplo jogo, ou diálogo, de que falava Boff quando se referia ao sacramento. Conseguir-se perceber uma relação cada vez mais clara entre as narrativas da criação, do *Génesis*, a Terra como sacramento e a questão ecológica. De facto, no mesmo número da encíclica, o Papa fala da rutura deste diálogo, rutura esta a que o Papa chama pecado, rutura que impossibilita a visão da Terra como sacramento e, finalmente, rutura que impede que o ser humano viva de forma ecológica, pois foi distorcida “a natureza do mandato de «dominar» a Terra (cf. Gn 1, 28) e de a «cultivar e guardar» (cf. Gn 2, 15).”<sup>40</sup>

### **3. Encontrar a raiz de alguns dos problemas atuais nas origens**

A rutura que é apontada no final do anterior ponto conduziu o ser humano a estilo de vida destrutivo em vez de construtivo. Trata-se de uma rutura que não faz apenas parte de um passado longínquo e fechado. É certo que foi uma rutura que aconteceu num passado longínquo e que teve tanta importância que ficou gravada no relato da criação, no *Génesis*, contudo, esta rutura prolonga-se e renova-se na história e leva às conseqüências da primeira rutura cada vez que há uma opção humana que corta o triplo diálogo homem-Terra-Deus.

---

<sup>38</sup> Cf. A. DE FREITAS, *Os deuses e a origem do mundo*, Quetzal, Lisboa, 2015, 11.

<sup>39</sup> Cf. FRANCISCI PP., *Laudato Si'*, 66.

<sup>40</sup> Cf. *Ibidem*.

Quando o Papa Francisco olha para a realidade da Casa Comum na atualidade e para todos os problemas ambientais, sociais, humanitários, económicos, entre outros, insiste repetidamente que para curarmos estes problemas não basta tratarmos os sintomas superficiais. É necessário identificar a raiz destes problemas e curá-los aí.

É neste momento que o Papa, no número 8 da *Laudato Si'*,<sup>41</sup> afirma que a destruição do meio ambiente é um pecado contra Deus e contra nós próprios, por isso, cita o Patriarca Bartolomeu e o modo como este chama cada pessoa arrepender-se de maltratar o planeta com pequenos danos ecológicos. A citação que faz o Papa Francisco atinge um grau de profundidade fundamental, pois afirma claramente o efeito nefasto de todo e qualquer comportamento não ecológico. Já não é válido afirmar que um pequeno desleixe no cuidado ambiental é inofensivo, pois, embora este pequeno gesto isolado não possa ferir o equilíbrio ambiental, se tivermos um ponto de vista mais global, compreendemos que a soma de milhões de pequenos gestos negativos tem um grande impacto na saúde do planeta.

No entanto, os problemas ecológicos do nosso mundo não se centram só em gestos negativos e, uma vez mais, o Papa cita o Patriarca Bartolomeu para aprofundar ainda mais a procura da raiz dos problemas: são as “raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais”<sup>42</sup>. Estas raízes convidam-nos “a encontrar soluções não só na técnica mas também numa mudança do ser humano [...].É um modo de amar, de passar pouco a pouco do que eu quero àquilo de que o mundo de Deus precisa. É libertação do medo, da avidez, da dependência”<sup>43</sup>. Não se trata aqui de problemas de fácil resolução, pois é mais fácil encontrar sintomas destes problemas, como as crises financeiras ou a crença de que o desenvolvimento da técnica humana resolverá todos os problemas ambientais, o consumismo, a maximização de ganhos, o desequilíbrio na distribuição da riqueza, etc. O Papa refere que “não temos suficiente consciência de quais sejam as raízes mais profundas dos desequilíbrios atuais: estes têm a ver com a orientação, os fins, o sentido e o contexto social do crescimento tecnológico e económico”<sup>44</sup>. É interessante constatar como o Papa relaciona a raiz dos problemas, a sua origem, com os fins para os quais se orientam o crescimento tecnológico e económico, o que revela a importância de olharmos para o passado, que é origem, e para o futuro, que é sentido. Finalmente, destaco mais uma citação que o Papa, também no número 9, faz do Patriarca Bartolomeu e que de modo claro reforça a ideia que já sublinhei algumas vezes da importância de reconhecermos a Terra como sacramento: “nós, cristãos, somos chamados a «aceitar o mundo como sacramento de comunhão, como forma de partilhar com Deus e com o

---

<sup>41</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*, 9.

<sup>43</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>44</sup> Cf. *Ibidem*.

próximo numa escala global”<sup>45</sup>. Além disso, nesta mesma citação, também aparece um conceito que em meu ver é fundamental dentro da questão ecológica, trata-se do conceito de comunhão. A comunhão é uma atitude oposta ao egoísmo. O egoísmo é a atitude que leva a rutura do diálogo com os outros, com Deus e com o mundo; a comunhão é a atitude que leva ao diálogo com os outros, com Deus e com o mundo.

#### **4. Da egologia à ecologia**

Apesar de a questão da raiz dos problemas ecológicos ter sido aprofundada no ponto anterior, antes de prosseguir com o desenvolvimento deste ponto do Relatório, importa sublinhar uma ideia que, apesar de simples, ao longo da história da Igreja parece ter permanecido num segundo plano. Trata-se da ideia de que na origem não está o pecado, o tão renomado “pecado original”. Tal como visto nos Relatos da Criação, do *Génesis*, na origem está a graça: o dom gratuito de Deus. Só posteriormente, fruto das opções do ser humano, surgiu o pecado, o afastamento de Deus: foi a passagem da lógica do “eco” para a lógica do “ego”, como será explicado em seguida. No entanto, esta lógica do “ego” não é o final, pois a todo o momento abre-se diante da história da humanidade a possibilidade de escolher um paradigma egológico ou um paradigma, em contraposição, ecológico. São, portanto, duas formas contrapostas de o ser humano organizar o seu pensamento e a sua atitude perante e sobre o mundo.

##### **4.1. A passagem da lógica do “eco” para a lógica do “ego”**

A realidade descrita no relato da criação, no livro do *Génesis*, antes da rutura que afasta o Homem daquilo para o qual foi criado, ou seja, estar em comunhão com os outros, com Deus e com a Terra e cuidar da Terra, é uma realidade idílica de onde a nota principal é a lógica do “eco”, isto é, é a lógica de viver em casa. Tratava-se de um paradigma cujo centro era a casa e a comunhão. Havia uma sintonia entre o ser humano e os outros seres humanos e uma sintonia com Deus e com a Terra e havia coerência, pois nada havia a ocultar. A única fronteira que levava ao abandono desta situação ideal era a árvore dos frutos proibidos.

Essa foi a fronteira cruzada pelo ser humano e, no que havia diálogo, passou a haver um silêncio culpado e a necessidade de atribuir a responsabilidade dos maus atos a outros, no que havia coerência e verdade, passou a haver segredo e vergonha (simbolizada pela vergonha

---

<sup>45</sup> Cf. *Ibidem*.

da nudez), no que havia dom gratuito de Deus, passou a existir a necessidade de trabalhar para comer, no que havia comunhão, passou a haver egoísmo. O ser humano passou à lógica do ego. Esta é uma lógica que leva o ser humano a deixar de colaborar com Deus na habitação e no cuidado da Terra e se fecha em si mesmo.

E “quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem”<sup>46</sup>.

Afirma o Papa Francisco na mensagem para a celebração do Dia de Oração pelo Cuidado da Criação de 2019:

“Desgraçadamente, a resposta humana ao dom recebido foi marcada pelo pecado, pelo fechamento na própria autonomia, pela avidez de possuir e explorar. Egoísmos e interesses fizeram deste lugar de encontro e partilha, que é a criação, um palco de rivalidades e confrontos. Assim, colocou-se em perigo o próprio ambiente: coisa boa aos olhos de Deus, torna-se coisa explorável nas mãos humanas.”<sup>47</sup>

Esta passagem da ecologia à egologia trouxe consigo muitas possibilidades imediatas para o ser humano, como a possibilidade da riqueza material, da utilidade, da segurança psicológica, da conquista, da acumulação, etc. Mas o preço a pagar foi demasiado alto, tanto para cada ser humano, que deixa de sentir o dom de Deus gratuito e que está em constante conflito com os outros, como para a Terra, que se vê violada pela sede incessante do consumo humano e pela sujidade dos despojos daquilo que já não serve para o Homem.

O mundo atual vive uma crise ecológica na vertente integral do termo: crise ambiental e crise humanitária. Uma crise que segundo o teólogo Moltmann, “não é só filha das tecnologias utilizadas para depredar a natureza, também não o é das ciências naturais através das quais os homens se converteram em donos da natureza. Fundamenta, no entanto, na luta do homem por conseguir poder e preponderância.”<sup>48</sup> As ciências e as tecnologias podem ter colaborado para a situação de crise atual, mas é necessário ir mais à raiz do problema e, tal como visto anteriormente, uma dessas raízes está no fim com que o ser humano se guia, ou seja, seguindo

---

<sup>46</sup> Cf. FRANCISCI PP., *Evangelii Gaudium*, in AAS 105, N.12, (decembris 2013), 2.

<sup>47</sup> Cf. PAPA FRANCISCO, “Mensagem do Papa Francisco para a celebração do Dia de Oração pelo Cuidado da criação”, 1 de setembro de 2019. Publicado em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190901\\_messaggio-giornata-cura-creato.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190901_messaggio-giornata-cura-creato.html)

<sup>48</sup> Cf. J. MOLTSMANN, *Dios en la creación. Doctrina ecológica de la creación*, Sígueme, Salamanca, 1987, 33.

a ideia de Moltmann, se o ser humano usa as ciências naturais e as tecnologias com o fim de adquirir poder e preponderância, o resultado vai ser nefasto, “como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia”<sup>49</sup>.

Nós, humanidade de agora, somos responsáveis pelas opções que tomamos, tanto pelas pequenas opções do dia-a-dia, que como vimos anteriormente não são tão inocentes quanto parecem, como pelas grandes decisões da humanidade como um todo, embora esta última responsabilidade esteja envolta numa grande complexidade, que envolve questões políticas, históricas, económicas e sociais de grande escala. Assim, tal como Adão no relato da criação no *Génesis*, conhecemos a fronteira que separa o bem do mal? Diz o Papa Francisco no número 105 da *Laudato Si'* que “cada época tende a desenvolver uma reduzida autoconsciência dos próprios limites”<sup>50</sup>. É, portanto, urgente que haja uma boa formação das nossas consciências, para que possamos realmente reconhecer quais dos nossos atos nos conduzem a uma realidade egológica e quais nos conduzem a uma realidade ecológica. As forças cegas do egoísmo fazem do Homem um ser “nu e exposto frente ao seu próprio poder que continua a crescer, sem ter os instrumentos para o controlar”<sup>51</sup>. E conclui o Papa dizendo que o ser humano nesta situação de “nudez” “talvez disponha de mecanismos superficiais, mas podemos afirmar que carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro dum lúcido domínio de si”<sup>52</sup>. Um dos contributos fundamentais da EMRC pode ser a colaboração na construção desta ética, cultura e espiritualidade sólidas.

#### 4.2. A passagem da lógica do “ego” para a lógica do “eco”

Se o movimento apresentado no ponto anterior mostrava o Homem numa direção que levava a uma situação contrária à ecologia, uma situação egológica, este ponto refere-se ao ser humano num caminho inverso: libertando-se das teias da egologia, o ser humano reabre-se àquilo para o qual foi criado. O ser humano abre-se ao diálogo com os outros, com Deus e com a Terra. E neste diálogo surge a compreensão da Criação como sacramento, como um terreno sagrado que necessita ser respeitado e cuidado.

Se pequenas e aparentemente inofensivas ações de descuido da Terra e das pessoas têm um grande impacto na construção de um mundo egológico, o mesmo acontece no sentido

---

<sup>49</sup> Cf. FRANCISCI PP., *Laudato Si'*, 105.

<sup>50</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>51</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>52</sup> Cf. *Ibidem*.

inverso: qualquer ação positiva e construtiva, que se junta a todas as pequenas ações construtivas de outras pessoas, terá um grande impacto na construção de um mundo ecológico. Assim, pequenos gestos ecológicos transportam a nossa realidade para uma existência mais ecológica: desde gestos que não supõem de nós muito esforço, como poupar água, ajudar um idoso a atravessar a rua, ou reciclar, até gestos mais complexos que pedem algo mais de nós, como fazer um voluntariado ou recolher plásticos na rua: tudo faz a diferença. É essencial a renovação de cada pessoa, pois tal como afirma o Papa Francisco, “não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia”.<sup>53</sup> Desde uma perspetiva cristã, este ser humano novo será completo se restaurar o seu compromisso com os outros, com Deus e com a criação.

Surge, então, uma doutrina de criação com um enfoque ecológico e esta, de acordo com Moltmann, **“tem que tratar de abandonar o pensamento analítico com as suas distinções de sujeito e objeto.** E deve aprender uma nova forma de pensar, comunicativa e integradora.<sup>54</sup> O desenvolvimento desta doutrina leva a que “mudem os interesses que guiam o conhecimento. Já não se quer *conhecer para dominar*, não se deseja analisar e reduzir para reconstruir. Anseia-se *conhecer para participar* e para integrar-se nas relações recíprocas do que está vivo.”<sup>55</sup>

Toda a humanidade é chamada à construção de um mundo mais ecológico, mas, em meu parecer, os cristãos podem encontrar na sua fé ainda mais motivos e mais força para desenvolver neles e em seu redor um mundo melhor. Os cristãos nutrem-se de uma esperança que não os deixa desistir de lutar pelo bem e, além disso, “a esperança cristã tem também uma grande força criativa”<sup>56</sup> que faz com que os crentes possam ser pioneiros na procura de novos caminhos para o cuidado da Casa Comum.

Por outro lado, esta mudança de conduta de toda a humanidade deve ser acompanhada por uma renovação espiritual, porque, tal como diz Leonardo Boff, “se por trás da ética não há uma mística, uma nova espiritualidade, ou seja, um novo pacto do ser humano com todos os outros seres, fundando uma nova religião (de onde vem religião), corre-se o risco de que essa ética degenera em legalismo, moralismo e hábitos de comportamento de contenção.”<sup>57</sup> É esta, talvez, uma das raízes, não dos problemas atuais, mas da solução dos problemas que atualmente afetam a humanidade e o planeta. E assim, tal como afirma João Paulo II no

---

<sup>53</sup> FRANCISCI PP., *Laudato Si'*, 118.

<sup>54</sup> Cf. J. MOLTSMANN, *Dios en la creación. Doctrina ecológica de la creación*, Sígueme, Salamanca, 1987, 16.

<sup>55</sup> Cf. *Ibidem*, 17.

<sup>56</sup> Cf. C. Howard, *Semeadores de Esperança*, Circular do Superior Geral dos Irmãos Maristas, Roma, 1990, nº228.

<sup>57</sup> Cf. L. BOFF, *Ecología. Grito de la Tierra, grito de los pobres*, 8.

número 4 da carta encíclica *Laborem exercens*: “criados à imagem de Deus, no desempenho da missão de dominar, ou seja, cuidar a Terra, refletimos a “própria ação do Criador do Universo”<sup>58</sup> e tornamo-nos co-laboradores com Deus.

Esta mudança de lógica do ego para o eco, uma mudança de paradigma na nossa vida, leva-nos a uma existência com mais sentido. Aqui ganha toda a plenitude o significado do título deste Relatório, pois o sentido profundo da nossa criação é a re-criação: continuar a obra criadora de Deus e fruir da criação em comunhão com os outros, com Deus e com a natureza. É um sonho e um caminho que não fica somente pela aparência de um mundo perfeito, mas que abraça a humanidade e a autenticidade, pois como diz Tolentino Mendonça, “o sonho da perfeição pode ser um caminho que nos fixa apenas na superfície e nos impede de aceder à autenticidade da vida.”<sup>59</sup> Não pode ser um sonho de grandeza que traz ainda mais problemas, pois “muito do nosso sofrimento tem origem nos nossos sonhos de grandeza. O nosso Céu está na Terra, na terra que somos, essa terra que tanto nos custa amar, tão só porque não corresponde às crenças que interiorizamos ao longo da vida.”<sup>60</sup> O mundo ecológico é um sonho, quiçá uma utopia, que, tal como o Reino de Deus que Jesus anunciou, desenvolve-se como uma pequena semente de mostarda que germina ou como a pequena porção de fermento que leveda toda a massa (Cf. Mt 13).

---

<sup>58</sup> Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *Laborem Exercens*, Editorial A. O., Braga, 1981, 17.

<sup>59</sup> Cf. J.T. MENDONÇA, *Elogio da sede*, Quetzal, Lisboa, 2018, 108.

<sup>60</sup> Cf. C. M. ANTUNES, *Só o Pobre se faz Pão*, Paulinas, Águeda, 2013, 17 e 18.

### III. O contributo da EMRC

Esta terceira parte do Relatório visa sobretudo, e em primeiro lugar, destacar qual foi o contributo dado pelas aulas de EMRC, que serviram de base da PES, aos alunos que nela participaram; em segundo lugar, apresenta uma proposta de reestruturação da planificação da lecionação da Unidade Letiva; finalmente, em terceiro lugar, apresentar um modelo de análise da realidade ecológica que pode ser utilizado em contexto das aulas de EMRC e até mesmo noutros contextos fora do âmbito da EMRC.

#### 1. Cumprimento dos objetivos do Programa

O primeiro contributo do qual beneficiaram os alunos que participaram nas aulas de EMRC não poderia distanciar-se daquilo que foram os objetivos propostos no Programa<sup>61</sup> da disciplina para a Unidade Letiva 1 do 7º ano. Através da avaliação contínua aos alunos durante a PES e da Ficha de Consolidação de Conteúdos, preenchida pelos alunos no final da Unidade Letiva, é possível concluir que os alunos se envolveram de uma forma positiva nas dinâmicas propostas em aula e demonstraram interesse pelos temas tratados. Deste modo, atingidos os objetivos, em maior ou menor medida, os alunos foram capazes de:

- 1- Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano. Este objetivo foi alcançado através do estudo da perspetiva da ciência e da perspetiva religiosa das origens;
- 2- Conhecer a criação tal como relatada nos textos bíblicos. O objetivo foi alcançado através do estudo dos dois relatos da criação do livro do *Génesis*, do seu estilo literário, da sua contextualização e dos seus elementos simbólicos.
- 3- Conhecer o projeto de Deus presente na mensagem bíblica. Este objetivo foi atingido trabalho em redor do tema da criação como um acontecimento inacabado e através de uma aproximação à criação através do *Livro dos Salmos*;
- 4- Desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação. Objetivo alcançado através do trabalho sobre a visão de Francisco de Assis acerca da criação.
- 5- Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação. Este último objetivo foi trabalhado principalmente quando os alunos abordaram um conjunto de “desafios ecológicos”, mas também no trabalho sobre a Terra como Casa Comum.

---

<sup>61</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*, 72 e 73.

## **2. Uma chave de leitura da realidade**

Neste segundo ponto destaco alguns aspetos desenvolvidos nos alunos no contexto das aulas da PES. Ao contrário do ponto anterior, estes contributos não estão sistematizados e têm um carácter mais transversal a toda a Unidade Letiva 1.

Assim, destaco em primeiro lugar como contributo o acesso que os alunos tiveram a uma aproximação panorâmica sobre as origens e sobre o lugar do ser humano na criação. Várias são as disciplinas que trabalham o tema das origens ao longo do percurso escolar dos alunos, no entanto, a EMRC é a única disciplina que estuda as origens desde vários pontos de vista: da religião, da ciência e da ecologia integral.

Por outro lado, o trabalho feito nesta Unidade Letiva com os alunos desafiou-os a ter consciência de aspetos da realidade com os quais, de outro modo, dificilmente contactariam, nomeadamente com o substrato religioso da questão ecológica e com as implicações morais do descuido da Terra. E com este contacto abrem-se portas que levam a transformações na vida dos alunos: a nível da forma de pensar sobre a vida e sobre o mundo, a nível dos comportamentos, das atitudes, a nível dos conhecimentos/ cultura que adquirem e a nível da espiritualidade que podem desenvolver. O facto de sensibilizarmos os alunos para alguns problemas ambientais e sociais e de contribuirmos para que os mesmos adquiram a consciência de que também eles têm responsabilidade perante estas situações, poderá levar a uma mudança da maneira de estar dos mesmos perante a vida, o mundo e a religião. Tal como diz o monge Carlos Maria Antunes, “ser consciente de que muita gente não tem acesso aos bens de que muitos de nós podemos usufruir, e que essa situação se deve necessariamente a uma injustiça, é um passo decisivo para a nossa implicação na criação de um mundo mais solidário.”<sup>62</sup> E assim, este grupo de alunos foi convidado a passar da egologia à ecologia.

## **3. Um olhar para o futuro**

Este terceiro ponto apresenta uma proposta de modelo de aproximação à ecologia que poderá, como já referi, ser aplicado em contexto da EMRC e fora deste contexto.

A razão do desenvolvimento deste modelo parte da insistência do Papa Francisco na *Laudato Si'* sobre a necessidade de chegarmos à raiz dos problemas atuais para assim podermos solucioná-los.

---

<sup>62</sup> Cf. C. M. ANTUNES, *Só o Pobre se faz Pão*, Paulinas, Águeda, 2013, 81.

Deste modo, o modelo que será apresentado é uma analogia com o modelo do ADN, o código genético. Da mesma forma que a raiz das características biológicas do ser humano está no ADN, e a herança genética está inscrita neste código, também seria importante encontrar a raiz, ou código, ou estrutura base da nossa vida ecológica, com a esperança de tentar curar na raiz profunda os problemas cujos sintomas se encontram na superfície.

Antes de explicar a proposta de modelo, apresentarei muito brevemente algumas ideias básicas do ADN, desde o posto de vista da ciência. Só depois desta explicação superficial, e certamente incompleta, é que poderei ter uma base mínima para utilizar, a modo de analogia, o modelo de ADN como base de estudo no campo da ecologia.

No campo da ciência afirma-se que o código genético da vida é o ADN:

“O ADN está ligado a diferentes proteínas, formando os cromossomas. O código genético é a relação entre a sequência de bases no ADN (A, C, G e T) e a sequência de aminoácidos correspondente, na proteína. Em cada gene, a sequência dos tripletos de nucleótidos (codões) determina a natureza e a ordem dos aminoácidos a incluir na composição de cada proteína. Quando dizemos que se mapeou o genoma de um organismo, queremos dizer que se conseguiu ler a sequência de nucleótidos do seu ADN”<sup>63</sup>.

Desta explicação sobre o ADN interessa-nos destacar o papel dos nucleótidos, que são, em linguagem simplificada, os blocos construtores da cadeia de ADN e as bases azotadas (A- adenina, C- citosina, G- guanina e T- timina). Estas bases azotadas definem, por assim dizer os nucleótidos.

De acordo com a Professora Inês Rodrigues:

“Compreender o genoma torna possível:

- 1- Novos conhecimentos sobre estruturas/funções normais;
- 2- Reconhecimento de risco de doença;

---

<sup>63</sup> Cf. A. KOUTSOS, A. MANAIA, J. WILLINGALE-THEUNE, *O ADN e a Célula*, Versão portuguesa, European Learning Laboratory for the Life Sciences, European Molecular Biology Laboratory, 2010, consultado em: [https://www.embl.fr/training/scienceforschools/teacher\\_training/teachingbase/microarray\\_port/dna\\_and\\_the\\_cell\\_port.pdf](https://www.embl.fr/training/scienceforschools/teacher_training/teachingbase/microarray_port/dna_and_the_cell_port.pdf) a 10/08/2020.

3- Delineamento de novas estratégias contra as doenças (herdadas ou adquiridas).”<sup>64</sup>

De modo análogo, descobrir o código genético das realidades que no nosso mundo se relacionam com a ecologia (tanto das realidades que são problemáticas, como das realidades que são positivas):

- 1- Poderá ajudar a compreender melhor a estrutura das realidades;
- 2- Identificar os riscos de surgimento de possíveis problemas;
- 3- Delinear estratégias de ação para resolver os problemas identificados, partindo da raiz do problema.

Posto isto, o modelo que apresento tem as seguintes características:

- 1- Interessa-nos descobrir o código genético das realidades do nosso mundo relacionadas com a ecologia. A partir deste código genético podemos descobrir a raiz dos problemas ecológicos e a raiz das realidades ecológicas positivas;
- 2- Assim como o ADN se apresenta como dupla cadeia helicoidal, também as realidades da ecologia devem ter sempre duas vertentes de diálogo que caracterizam uma ecologia integral: a Terra e o Homem. O Homem na sua missão de cuidar da Terra e a Terra na sua função de Casa Comum.
- 3- Tal como ao ADN no campo das ciências naturais compõe-se de nucleótidos caracterizados por bases azotadas, no campo da ecologia este modelo de ADN compõe-se de elementos caracterizados por bases fatorias, que em inter-relação ajudam a compreender a realidade de uma forma mais global.
- 4- Se no ADN das ciências naturais as bases azotadas são a Guanina, Adenina, Citosina e Timina, no estudo da ecologia proponho como bases fatorias as seguintes:

---

<sup>64</sup> Cf. I. RODRIGUES, *Biologia Molecular, Aula 2*, Escola Superior de Saúde, Universidade do Algarve, 2016, consultado em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi0jZzVzMfrAhUByYUKHVhrDncQFjAGegQICRAB&url=https%3A%2F%2Fsapientia.ualg.pt%2Fbitstream%2F10400.1%2F8747%2F1%2FAula%25202%2520BM.pdf&usg=AOvVaw2r5CjECqOeS8ej33Nck7mK> a 18/10/2020.

- a. Economia. Dado o peso que esta realidade tem como critério de ação humana, a repercussão da mesma na vida concreta das pessoas, tanto numa escala global, como numa escala individual, esta base deverá ser sempre analisada quando se analisa uma realidade ecológica.
- b. Humanidade. Nesta base está inserida a questão humanitária com dimensões relacionadas com a saúde, a psicologia e a solidariedade.
- c. Património. Este património refere-se tanto a uma vertente material, como imaterial. Relaciona-se com a história e tradições do grupo em que se insere cada ser humano.
- d. Natureza. Esta base refere-se às condições naturais da Terra em geral ou de um ecossistema em particular e à medida em que estas condições estão a ser afetadas pelo ser humano ou afetam o ser humano.

- 5- Do mesmo modo que é possível ler o código genético dos seres vivos no âmbito das ciências naturais, também, no âmbito da ecologia, é possível analisar as bases fatorias que proporcionam que uma situação ecológica ou anti-ecológica se desenvolva.
- 6- Para que se desenvolva uma situação ecológica favorável, é necessário que estas bases fatorias se encontrem numa relação lógica e equilibrada.
- 7- Do mesmo modo que o ADN das espécies pode ir sofrendo mutações que permitem a evolução, também a ecologia integral se vai adaptando a cada meio, promovendo uma evolução. É aqui que surge a possibilidade de o ser humano intervir na raiz dos problemas ecológicos, através de um processo de re-criação.

Como aplicar este modelo? A minha proposta parte da identificação de um problema e da análise do mesmo tendo em conta as quatro bases fatorias. Esta análise das bases fatorias pode ser feita de uma maneira mais superficial e pode ser um bom exercício a fazer com alunos no contexto de uma aula de EMRC, de modo a aumentar a consciência dos alunos em relação a um determinado problema, ou pode ser feita de forma mais aprofundada, através de um estudo multidisciplinar que analisa o problema ecológico também de acordo com as quatro bases fatorias.

Passo a apresentar um breve e simplificado exemplo de um problema ecológico atual analisado através do modelo que proponho:

- 1- Identificação do problema ecológico: Poluição do ambiente pelo plástico.
- 2- Base da economia: o plástico é usado de forma maciça na indústria e nas sociedades consumistas. Ao mesmo tempo, devido ao excesso de plásticos nas águas de mares, lagos e rios, algumas espécies animais estão a ser afetadas e põem em risco o meio de subsistência de algumas famílias que vivem da pesca destas espécies. Existem alternativas ao uso do plástico, no entanto, não existe vontade política de investir nestas alternativas, pois o plástico, que é um derivado do petróleo, contribui para a boa saúde económica da indústria petrolífera. Há produtos de plástico que são mais baratos do que os seus equivalentes feitos de materiais alternativos, pelo que, as pessoas usam o critério económico na escolha do produto que compram.
- 3- Base da humanidade: vários estudos científicos apontam para os perigos para a saúde humana provocados pelo uso do plástico na alimentação e vestuário. Cada vez se encontram mais vestígios de microplásticos na alimentação humana, pois, devido à poluição ambiental, os resíduos de plástico foram ingeridos por animais que fazem parte da dieta humana. A falta de solidariedade entre as nações impede que muitos países tenham capacidade estrutural ou económica para encontrar alternativas ao uso do plástico.
- 4- Base do património: uma grande parte da humanidade não está sensibilizada para os riscos no uso excessivo ou irresponsável do plástico e, assim, há países em que a reciclagem do plástico não é uma prática e, ainda pior, há países em que é habitual depositar lixo nos cursos de água. Nos países mais desenvolvidos o uso de produtos embalados em plástico torna-se num fator de comodidade para as pessoas, o que as faz adquirir produtos embalados e não a granel.
- 5- Base da natureza: a percentagem de plásticos encontrados em rios, lagos e oceanos é cada vez mais elevada. O período de decomposição dos plásticos é muito prolongado. A produção e a inceneração de plásticos poluem a atmosfera.

Uma vez feito este exercício baseado nos conhecimentos dos alunos, pode ser pedido aos alunos que façam uma investigação com dados concretos sobre as bases fatorias que assinalaram.

Finalmente, os alunos são desafiados a encontrar soluções para o problema em causa.

#### 4. Reorganização da Unidade Letiva, tendo em conta a lecionação

Uma vez terminada a lecionação da Unidade Letiva relativa às origens, e depois de feita uma reflexão sobre a mesma, assim como um aprofundamento das temáticas nela abordadas, é chegado o momento de fazer uma proposta de uma possível reorganização da mesma.

Não se trata aqui de criar uma nova Unidade Letiva ou de descartar a forma como esta se apresenta no Programa e no *Manual de EMRC*. Esta proposta de reorganização visa a construção de uma proposta de adaptação da Unidade Letiva baseada na minha própria experiência docente e tendo em conta a situação mais atual no campo da ecologia, vista principalmente do ponto de vista sociológico e do ponto de vista da Igreja Católica.

Se acompanharmos de perto a atualidade plasmada nos diferentes meios informativos, verificamos que todos os dias nos são apresentadas notícias relacionadas com o cuidado do meio ambiente: notícias sobre a Cimeira do Clima, em Madrid; notícias sobre os programas eleitorais dos partidos políticos que põem cada vez mais ênfase nas causas ambientalistas; publicitação de medidas pró-ambientalistas hasteadas como bandeiras pelas grandes empresas, e também pelas pequenas, para mostrarem o seu compromisso ambientalista; aumentos dos impostos sobre realidades mais poluentes e isenção de impostos sobre realidades amigas do ambiente; proliferação de veículos automóveis e soluções energéticas amigas do ambiente, etc. Por outro lado, desde a publicação da *Laudato Si'*, a Igreja Católica, principalmente pela voz do Papa Francisco, cada vez defende mais o cuidado da Criação – o cuidado do meio ambiente, mas também o cuidado das pessoas que habitam a nossa Casa Comum.

Além disso, ocupa-nos também, neste ponto, a questão pedagógica. A meu ver, numa reorganização desta Unidade Letiva, não pode faltar uma atualização pedagógica que inclua o desenvolvimento de trabalho cooperativo, a aprendizagem em serviço e o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação. Por outro lado, acrescenta-se também a novidade das Aprendizagens Essenciais de EMRC<sup>65</sup>, que só foram elaboradas depois de terminada a lecionação desta Unidade Letiva.

Deste modo, ao apresentar esta Unidade Letiva aos alunos de EMRC, não podemos ignorar os sinais dos tempos que vivemos.

---

<sup>65</sup> DIREÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO, *Aprendizagens Essenciais de EMRC – 7ºAno*, consultado em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/emrc\\_3\\_c\\_7a.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3_c_7a.pdf) a 16/03/2020.

Na tabela seguinte é apresentada uma proposta de organização da Unidade Letiva. O texto mostrado com a cor verde apresenta as Aprendizagens Essenciais de EMRC<sup>66</sup> referidas a esta Unidade Letiva.

---

<sup>66</sup> *Cf. Ibidem.*

<b>CONHECIMENTOS, CAPACIDADES E ATITUDES</b> <b>O aluno deve ficar capaz de:</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>AÇÕES ESTRATÉGICAS DE ENSINO ORIENTADAS PARA O PERFIL DOS ALUNOS</b>
<p>Compreender a analogia da <i>Casa Comum</i> e identificar o que esta analogia supõe na visão que temos sobre o mundo e a humanidade;</p>	<p>A maravilha do universo e a grandeza do ser humano. Cântico das Criaturas de S. Francisco de Assis.</p>	<p><b>Promover estratégias que envolvam aquisição de conhecimento, informação e outros saberes, relativos aos conteúdos das AE, que impliquem:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- capacidade de trabalho em grupo;</li> <li>- necessidade de rigor;</li> <li>- seleção de informação pertinente;</li> <li>- organização sistematizada de leitura e estudo autónomo;</li> <li>- análise de conceitos, factos, teorias, situações, identificando os seus elementos;</li> <li>- estabelecer relações intra e interdisciplinares;</li> </ul>
<p>Identificar as teorias do Big-Bang e evolução das espécies sobre a origem do Universo e do ser humano;</p> <p>Discutir os dados da ciência, sobre a origem do universo, do ser humano e do sentido da vida e da humanidade, com as diferentes experiências religiosas;</p>	<p>Os dados da ciência sobre a origem do universo e do ser humano:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A teoria do Big-Bang;</li> <li>- A teoria da evolução das espécies.</li> </ul> <p>A leitura religiosa sobre o sentido da vida e da existência humana e a sua relação com os dados das ciências:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Origem última e primeira;</li> <li>- Destino final.</li> </ul>	<p><b>Promover estratégias que envolvam a criatividade dos alunos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- investigar, em grupos, o significado da expressão “Casa Comum”;</li> <li>- utilizar aplicativos de construção de murais digitais;</li> <li>- imaginar hipóteses perante um fenómeno ou acontecimento abordado na unidade letiva;</li> <li>- conceber situações em que determinado conhecimento possa ser aplicado;</li> </ul>
<p>Conhecer a mensagem bíblica e de outras tradições religiosas sobre a Criação;</p>	<p>A narrativa da criação no livro do Génesis (Gn 1-2,24):</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Géneros literários;</li> <li>- O género narrativo mítico: características e finalidade.</li> </ul> <p>Islão: Sura 71, 12-20. Hinduísmo: Upanishads, 1.1 Ar, Fogo, Água e Terra.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- construir mapas mentais, organizadores dos conteúdos abordados;</li> <li>- criar um objeto, texto ou mural perante um desafio posto pelos assuntos debatidos levando o tema à comunidade escolar;</li> </ul>
<p>Reconhecer, na mensagem bíblica a excecionalidade da pessoa humana perante toda a Criação;</p>	<p>A mensagem fundamental do Génesis:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A origem de todas as coisas é Deus;</li> <li>- Deus mantém as coisas na existência;</li> <li>- O amor de Deus cria e alimenta a natureza;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- promover estratégias que envolvam a criatividade dos alunos;</li> <li>- investigar, em grupos, o significado da expressão “Casa Comum”;</li> <li>- utilizar aplicativos de construção de murais digitais;</li> <li>- imaginar hipóteses perante um fenómeno ou acontecimento abordado na unidade letiva;</li> <li>- conceber situações em que determinado conhecimento possa ser aplicado;</li> <li>- construir mapas mentais, organizadores dos conteúdos abordados;</li> <li>- criar um objeto, texto ou mural perante um desafio posto pelos assuntos debatidos levando o tema à comunidade escolar;</li> </ul>

<p>Assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem.</p>	<p>- Todas as coisas materiais são boas;          - O ser humano é a obra-prima de Deus;          - Um hino ao criador e à dignidade do ser humano.</p> <p>Como se colabora com Deus na obra da criação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- cuidado e respeito por todas as coisas criadas;</li> <li>- respeitar os seres vivos, de acordo com a sua condição;</li> <li>- usar os recursos com parcimónia, só enquanto são necessários à vida humana.</li> </ul>	<p>- Criar e executar um projeto de Aprendizagem em Serviço, que vise uma dimensão ambientalista e uma dimensão solidária.</p>
---	--	--

*Tabela 5: Aprendizagens Essenciais de EMRC na reorganização da Unidade Letiva*

Na tabela apresentada verifica-se uma organização da Unidade Letiva em função das Aprendizagens Essenciais. Os conteúdos que são associados às Aprendizagens Essenciais são retirados do Programa de EMRC<sup>67</sup> na íntegra, mas não seguem a ordem apresentada no documento citado. Finalmente, na última coluna, estão patentes as ações estratégicas de ensino, que dão orientações para o trabalho da Unidade Letiva com os alunos, com o objetivo de desenvolver as características dos discentes em função do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Seguidamente será apresentada uma proposta de trabalho da Unidade Letiva organizada em dez aulas.

<b>Aula</b>	<b>Aprendizagens Essenciais</b>	<b>Breve descrição da aula</b>
1	Compreender a analogia da <i>Casa Comum</i> e identificar o que esta analogia supõe na visão que temos sobre o mundo e a humanidade;	O docente introduz a Unidade Letiva convidando os alunos a olhar o mundo e a fazer a si próprios perguntas sobre a realidade que os envolve e em que estão inseridos. Depois de apontar no quadro as perguntas que vão surgindo, o professor compara a Terra com uma casa e pede aos alunos para investigarem, em grupos de trabalho, o significado de “Casa Comum”.
2		Os alunos continuam o trabalho de investigação e fazem um resumo das ideias mais importantes que encontraram, colocando-as no mural digital <i>Padlet</i> . Depois de terminado o mural, os alunos analisam e comentam o mesmo em conjunto.
3	Identificar as teorias do Big-Bang e evolução das espécies sobre a origem do Universo e do ser humano;	O professor introduz a aula resumindo as duas aulas anteriores e explica que a nossa “Casa Comum” tem suscitado muitas perguntas, tal como os alunos experimentaram na primeira aula. Pois bem, existem diferentes modos de responder às perguntas sobre a Terra e sobre a nossa existência. Usando como apoio as páginas 9 à 12 do <i>Manual</i> , o professor explica a perspetiva da ciência em relação às origens.
4	Discutir os dados da ciência, sobre a origem do universo, do ser humano e do sentido da vida	Com o apoio das páginas 13 à 15 do <i>Manual</i> , o professor apresenta o que é uma cosmogonia, alguns exemplos de

<sup>67</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*.

	e da humanidade, com as diferentes experiências religiosas;	cosmogonias e qual é a diferença destas últimas em relação à perspectiva cristã.
5	Conhecer a mensagem bíblica e de outras tradições religiosas sobre a Criação;	O professor apresenta brevemente o contexto histórico de como surgiram as Narrativas da Criação no <i>Génesis</i> e explica como se aplicam os géneros literários e a função simbólica nestas narrativas.
6		O professor pede a diferentes alunos para lerem em voz alta partes das «Narrativas da Criação» no <i>Génesis</i> . Depois, tendo como base o <i>Manual</i> , nas páginas 20 à 22, o docente explica a simbologia das narrativas e o objetivo das mesmas.
7	Reconhecer, na mensagem bíblica a excecionalidade da pessoa humana perante toda a Criação;	O professor começa a aula dialogando com os alunos sobre o que eles aprenderam sobre o objetivo das «Narrativas da Criação» no <i>Génesis</i> . Depois deste momento inicial, o professor desafia os alunos a resumirem em sete ideias-chave qual é a mensagem bíblica das «Narrativas da Criação», tendo como base de trabalho as páginas 22 e 23 do <i>Manual</i> . Finalmente, o docente abre um tempo de diálogo com os alunos, para estes exporem as ideias-chave.
8	[Todas as trabalhadas anteriormente]	O professor pede aos alunos para, em grupo, construírem um mapa mental que relacione os temas: fé, ciência, “Casa Comum”, origem. Os alunos devem começar este trabalho lendo a página 27 do <i>Manual</i> e, no mapa mental, devem aplicar os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores. Os mapas mentais, depois de avaliados pelo professor, são expostos na sala de aula.

9 e 10	Assumir comportamentos de responsabilização social em relação à natureza e ao Homem.	<p>O professor explica o que significa afirmar que “a criação é um acontecimento inacabado” e o que significa falar de “ecologia integral”.</p> <p>Posteriormente, apresenta o modelo do ADN aplicado à ecologia, divide a turma em grupos de trabalho, atribui o estudo de um problema ecológico a cada grupo e dá orientações aos grupos para analisarem o problema de acordo com o modelo apresentado.</p> <p>Depois de analisados os problemas, o professor pede aos grupos para criarem um cartaz onde apresentam o problema analisado e um desafio ecológico para fazer frente a esse problema. Os cartazes serão expostos num local visível da escola.</p> <p>Por fim, os alunos fazem uma assembleia de turma em que decidem dois gestos práticos que, como turma, podem levar a cabo para enfrentar um problema relacionado com pobreza e um problema relacionado com a degradação ambiental. Este projeto, feito numa lógica de aprendizagem em serviço, pode ser desenvolvido em conjunto com o Diretor de Turma, outras disciplinas, ou instituições locais.</p>
--------	--	--

*Tabela 6: Proposta de reorganização da Unidade Letiva.*

A tabela apresentada faz uma proposta de reorganização da Unidade Letiva de uma forma muito resumida. É certo que, tal como é feita a proposta, os docentes terão de dominar minimamente o aplicativo Padlet e os alunos têm de dispor de pelo menos um computador ou tablet ou telemóvel por grupo, com acesso à Internet. No entanto, tendo em conta o cumprimento do Programa de EMRC para o 7º ano, a lecionação desta Unidade Letiva dificilmente poderá ir muito mais além das dez aulas, o que limita as possibilidades do trabalho cooperativo.

Mas, por outro lado, esta forma de trabalhar a Unidade Letiva pode trazer muitas vantagens. Passo a enumerar algumas dessas vantagens: treino de competências de trabalho cooperativo (competência que cada vez se valoriza mais no mundo laboral e

que, ao ser desenvolvida nos alunos, confere-lhes uma ferramenta de valor incalculável), maior motivação dos alunos para a aprendizagem (o uso de aplicativos web pode ser altamente motivador para os alunos), boa organização das aprendizagens (através do resumo em ideias-chave e em mapas mentais), criação de aprendizagens mais significativas (desenvolvidas através da aprendizagem em serviço), possibilidade de trabalho interdisciplinar (se o projeto final for trabalhado com várias disciplinas), contacto com a comunidade educativa e com a comunidade local (se o projeto for desenvolvido com e a favor da comunidade local).

Por fim, destaco a importância que deve ser dada à ideia da “Casa Comum” numa abordagem à Unidade Letiva. Trata-se de uma alegoria que no âmbito da Igreja Católica tem vindo a ser muito usada e, portanto, deverá ser bem assimilada pelos alunos. Este termo resume muito bem o que a Igreja entende por ecologia integral, trabalha o sentido de responsabilidade como grupo e como indivíduo por cada pessoa e pelo planeta e confere a toda a Unidade Letiva um sentido de pertença aos alunos que, de outra forma, não seria alcançado.

## Conclusão

A primeira conclusão a que chego depois de concluído todo o processo de preparação da PES, de lecionação, de investigação e de reflexão crítica, leva-me a pensar no conjunto de pessoas que estiveram implicadas em todos os passos dados: os professores que criaram contextos de aprendizagem nas aulas teóricas em que participei na Faculdade de Teologia e que me transmitiram experiência, conhecimentos e diferentes pontos de vista, os alunos da PES que se tornaram no contexto prático e concreto de lecionação e que exigiram de mim o esforço de pensar e repensar a forma de alcançarmos juntos os objetivos propostos, finalmente, os diferentes autores que li, com diferentes pontos de vista, que me permitiram aceder a um conjunto vasto de conhecimentos e assim conjugar diferentes ideias de modo a chegar ao resultado final do Relatório. Mesmo de forma não intencional, acabei por experimentar neste processo uma faceta do mundo ecológico, onde existe fraternidade e partilha de vida e de conhecimentos. Reforcei a ideia de que não é num mundo egológico que se constrói conhecimento e humanidade, mas sim num mundo ecológico. Do mesmo modo que eu recebi um contributo das pessoas com que contactei, também dei o meu contributo para a formação dos alunos com que trabalhei.

Por outro lado, durante todo o trabalho feito em volta da PES e deste Relatório, tive a oportunidade de aprofundar a minha consciência acerca da questão ecológica, não tanto através do contacto com informações sobre problemas ecológicos, mas sobretudo através de um olhar mais atento às raízes dos problemas ecológicos, com um foco voltado para a questão das origens. No entanto, a minha consciência ecológica não ficou encerrada na raiz dos problemas: ao longo do Relatório fui construindo e apresentando um itinerário que, tal como ocorre na *Laudato Si'*, aponta para um caminho de esperança, que acredita na força das ações de cada ser humano para a construção de um mundo melhor, de uma casa comum restaurada.

Esta esperança na possibilidade de mudança do panorama ecológico atual é também fonte de inspiração para o trabalho na educação. Na introdução citei o Papa Francisco que defende que uma cultura ecológica deve ser um programa educativo. De facto, o Relatório que concluo traz alguma luz sobre esta ideia e apresenta um modo de educar para a cultura ecológica. Trata-se de fazer uma proposta de aprofundamento do conhecimento da nossa origem e do mundo em que vivemos. Trata-se de favorecer um diálogo nosso e de cada pessoa com os outros, com a Terra e com Deus. Trata-se de

reconhecer a Terra como sacramento, respeitá-la e cuidar dela. Trata-se de ajudar a perceber que mesmo os mais pequenos comportamentos e ações se tornam significativos numa escala global, tanto se são negativos e levam a um mundo egológico, como se são positivos e levam a um mundo ecológico.

Do ponto de vista pedagógico, destaco duas ideias que apareceram no Relatório que em meu parecer são muito importantes: a primeira refere-se à importância de observar com atenção o grupo de alunos com que trabalhamos, escutar as ideias que têm, perceber o modo como compreendem o que está a ser trabalhado e adaptar progressivamente o tipo de discurso, os exemplos ilustrativos, o modo de trabalhar e o Programa ao grupo concreto de alunos. A segunda refere-se à importância de que o docente conheça o melhor possível o Programa e o substrato teórico dos conteúdos que está a lecionar. De facto, depois de ter aprofundado de forma tão sistemática as temáticas presentes na Unidade Letiva 1, acabei por ter uma visão muito mais clara e dinâmica da matéria, que me leva a fazer uma grande reformulação no modo como poderia trabalhar os conteúdos com o grupo de alunos.

A Terra tem uma história, a humanidade tem também uma história que se insere dentro da história da Terra e, por sua vez, cada ser humano tem a sua própria história que se situa dentro da história da humanidade e dentro da história da Terra. Estas três histórias estão sobrepostas e conjugam-se mutuamente. Cada uma destas histórias é construída pela ação e pela mudança constante dos seus intervenientes. A pergunta sobre estas três histórias conduz o nosso olhar para as nossas origens e convida-nos a contemplar e a fruir do que somos e do que temos, mas, ao mesmo tempo, também nos responsabiliza pela construção desta história incessante. O nosso olhar crente cristão ajuda-nos a viver como pessoas criadas por amor, criadas para serem felizes, criadas para re-criar a cada instante a nossa vida, a vida das outras pessoas e a nossa casa comum. Tal como uma mãe cria um filho, cuidando-o e amando-o, assim também nós somos convidados a criar a nossa casa comum, cuidando dela, amando-a e cuidando e respeitando todos os que nela habitam.

## **Bibliografia**

### **Magistério da Igreja**

FRANCISCI PP., *Evangelii Gaudium*, in *AAS* 105, N.12, (decembris 2013), 1019-1137.

FRANCISCI PP., *Laudato Si'*, in *AAS* 107, N.9, (septembris 2015), 847-945.

PAPA FRANCISCO, “Mensagem do Papa Francisco para a celebração do Dia de Oração pelo Cuidado da criação”, 1 de setembro de 2019. Publicado em:

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190901\\_messaggio-giornata-cura-creato.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190901_messaggio-giornata-cura-creato.html)

PAPA JOÃO PAULO II, *Laborem exercens*, Editorial A. O., Braga, 1981.

### **Documentos curriculares**

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. DINIS, *Projeto Educativo, 2014 – 2018*, consultado em [https://aa59a12b-540c-4dd2-b810-7b21a9d5ff03.filesusr.com/ugd/adf0ab\\_128f1ce7058344e4b478778c19308e9c.pdf](https://aa59a12b-540c-4dd2-b810-7b21a9d5ff03.filesusr.com/ugd/adf0ab_128f1ce7058344e4b478778c19308e9c.pdf) a 08/06/2017.

DIREÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO, *Aprendizagens Essenciais de EMRC – 7ºAno*, consultado em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/emrc\\_3c\\_7a.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_7a.pdf).

J. BARBOSA, *Portfólio da PES*, 9. (Entregue juntamente com o Relatório).

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero saber! Manual Do 7º ANO – EMRC*, SNEC, Lisboa, 2015.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*, SNEC, Moscavide, 2014.

### **Estudos e monografias**

A. DE FREITAS, *Os deuses e a origem do mundo*, Quetzal, Lisboa, 2015.

A.F. SOTO (trad. Isabel Mafra), *Depois do Big Bang: da origem ao fim do universo*, EMSE EDAP, S. L. Lisboa, 2016.

C. Howard, *Semeadores de Esperança*, Circular do Superior Geral dos Irmãos Maristas, Roma, 1990, nº228.

C. M. ANTUNES, *Só o Pobre se faz Pão*, Paulinas, Águeda, 2013, 17 e 18.

F. PESSOA, *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Editora Ática, São Paulo, 2019, 2ª edição, 39 e 40.

J. MOLTSMANN, *Dios en la creación. Doctrina ecológica de la creación*, Sígueme, Salamanca, 1987, 33.

J.T. MENDONÇA, *Elogio da sede*, Quetzal, Lisboa, 2018.

L. BOFF, *Ecología. Grito de la Tierra, grito de los pobres*, Trotta, Madrid 1996.

L. BOFF, *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, Editora Vozes Ltda, Petrópolis, 1975, 2ª edição.

## Artigos

A. KOUTSOS, A. MANAIA, J. WILLINGALE-THEUNE, *O AND e a Célula*, Versão portuguesa, European Learning Laboratory for thr Life Sciences, European Molecular Biology Laboratory, 2010, consultado em:

[https://www.embl.fr/training/scienceforschools/teacher\\_training/teachingbase/microarray\\_port/dna\\_and\\_the\\_cell\\_port.pdf](https://www.embl.fr/training/scienceforschools/teacher_training/teachingbase/microarray_port/dna_and_the_cell_port.pdf) a 10/08/2020.

I. RODRIGUES, *Biologia Molecular, Aula 2*, Escola Superior de Saúde, Universidade do Algarve, 2016, consultado em

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUK Ewi0jZzVzMfrAhUByYUKHVhrDncQFjAGegQICRAB&url=https%3A%2F%2Fsapientia.ualg.pt%2Fbitstream%2F10400.1%2F8747%2F1%2FAula%25202%2520BM.pdf&usg=AOvVaw2r5CjECqOeS8ej33Nck7mK> a 18/10/2020.

L. BOFF, “Ecologia integral: A grande novidade da *Laudato Si’* ”, *Observatório do Clima*, consultado em: <http://www.observatoriodoclima.eco.br/en/ecologia-integral-a-grande-novidade-da-laudato-si-nem-a-onu-produziu-um-texto-desta-natureza-entrevista-leonardo-boff/> a 16/03/2018.

M. PAIXÃO, *Laudato Si’ – Sobre o cuidado da Casa Comum: Ver, Julgar, Agir e Celebrar*, Gaia, 2019, consultado em <https://casacomum.pt/wp-content/uploads/2020/07/Laudato-Si-LourdesPaix%C3%A3o-Fraternitas-12out19.pdf> a 19/02/2020.

REDE SOCIAL DE LISBOA, *II Diagnóstico Social de Lisboa: 2015-2016*, consultado em [https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/DIAGNÓSTICO\\_SOCIAL\\_SINOPSE.pdf](https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/DIAGNÓSTICO_SOCIAL_SINOPSE.pdf) a 08/06/2017.

## **Outros sítios consultados**

*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008 -

2013, <https://dicionario.priberam.org/colaborar> , consultado em 15-04-2019.

H. BOSH, “Jardim das Delícias”, imagem descarregada do site:

<https://www.saiacomarte.com/obra/jardim-das-delicias/>

<http://www.esecddinis.pt/>

<https://aeddinislisboa.wixsite.com/aeddinis/damio-de-gois>